

JOHN FANTE



1933 FOI UM ANO RUIM



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



JOHN FANTE

**1933 FOI
UM ANO RUIM**

Tradução de LÚCIA BRITO

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

CAPÍTULO UM

Foi um inverno ruim aquele de 1933. Uma noite, arrastando-me para casa através da neve infernal, os dedos dos pés ardendo, as orelhas em fogo, a neve rodopiando ao meu redor como um bando de pássaros irados, estaquei no meio do caminho. Era chegada a hora de fazer um balanço. Com bom ou mau tempo, certas forças no mundo estavam em ação tentando me destruir.

Dominic Molise, eu disse, aguento firme. Tudo está andando de acordo com o planejado? Examine sua condição com cuidado, faça um levantamento imparcial da sua situação. O que está acontecendo, Dom?

Lá estava eu em Roper, Colorado, ficando mais velho a cada minuto. Em seis meses eu estaria com dezoito anos e formado no secundário. Eu tinha um metro e sessenta e dois de altura e não havia crescido um só centímetro em três anos. Tinha pernas cambotas, pés virados para dentro e orelhas pontudas como as do Pinocchio. Meus dentes eram tortos, e meu rosto era sardento como um ovo de passarinho.

Eu era filho de um pedreiro que não trabalhava há cinco meses. Eu não tinha um sobretudo, usava três suéteres, e minha mãe já tinha começado uma série de novenas pelo terno novo que eu iria precisar para a formatura em junho.

Senhor, eu disse, porque naqueles tempos eu era um crente que falava francamente com seu Deus: Senhor, qual é? É isso que você quer? É para isso que você me pôs no mundo? Eu não *pedi* para nascer. Não tenho absolutamente nada a ver com isso, exceto que estou aqui, fazendo perguntas justas, quais as razões disso tudo, então me diga, me dê um sinal: é esta a minha recompensa por tentar ser um bom cristão, por doze anos de doutrina católica e quatro anos de latim? Alguma vez duvidei da Transubstanciação, da Santíssima Trindade ou da Ressurreição? Quantas missas perdi nos domingos e dias santos de guarda? Senhor, você pode contar nos seus dedos.

Está fazendo um jogo comigo? As coisas estão desgovernadas? Você perdeu o controle? Lúcifer está de volta ao poder? Seja honesto comigo, porque tenho andado perturbado. Me dê uma pista. A vida vale a pena? Tudo vai ficar bem?

Nós morávamos na Arapahoe Street, no sopé dos morros que formam a encosta oriental das Montanhas Rochosas. Eles se projetavam para o alto como arranha-céus pontudos, encarando nossa cidade ali embaixo, uma névoa de azul e verde no verão, branca como açúcar no inverno, com torres pontiagudas envoltos em nuvens. Todo inverno alguém se perdia lá em cima, preso num *canyon* ou enterrado em uma avalanche. Na primavera, a neve derretida transformava o arroio Roper em um rio selvagem que arrastava cercas e pontes e alagava as ruas, amontoando lama ao longo da Pearl Street e inundando o

porão da prefeitura. Região fria, região intratável, a crosta terrestre uma camada de gelo ao longo de abril, neve no domingo de Páscoa, às vezes uma nevasca repentina em maio: região ruim para um jogador de beisebol, especialmente para um lançador que não arremessava uma bola desde outubro.

Mas O Braço me fazia ir em frente, aquele querido braço esquerdo, a coisa que eu mais amava. A neve não podia machucá-lo, e o frio não podia penetrá-lo, porque eu o mantinha empapado de unguento Sloan, um frasquinho no meu bolso o tempo todo, eu exalava aquele cheiro, às vezes era mandado para fora da sala de aula para me lavar e tirar aquele odor cáustico de pinho, mas eu saía orgulhosamente, sem sentir vergonha, consciente do meu destino, insensível às zombarias dos garotos e às narinas tapadas das garotas.

Naqueles tempos eu tinha uma passada larga, o andar de um pistoleiro, a ginga típica do canhoto, o ombro esquerdo pendendo um pouquinho, O Braço balançando flexível como uma serpente – meu braço, meu bendito e sagrado braço, vindo de Deus; e se o Senhor criou-me de um pedreiro pobre, cobriu-me de joias quando encaixou aquela maravilha na minha clavícula.

Que caia a neve então! E que os invernos sejam longos e frios, e a primavera uma estação para ser sonhada, porque apesar de tudo este não era o fim de Dominic Molise, apenas o seu começo, e o sol quente de verão iria encontrá-lo fazendo o serviço de Deus com seu habilidoso braço esquerdo. Esta Arapahoe Street varrida pela neve era um lugar de honra, um marco, onde certa vez ele caminhou em noites de desesperança, seu lugar de nascimento, a ser por isso registrado na Galeria da Fama. Uma placa, por favor, uma placa de bronze fixada em concreto em um monumento na esquina da Ninth Street com a Arapahoe Street: Bairro da Infância de Dominic Molise, o Maior Canhoto do Mundo.

Deus havia respondido minhas perguntas, clareado minhas dúvidas, restaurado a minha fé, e o mundo estava em ordem de novo. O vento desaparecera, e a neve despencava como confete silencioso. Vovó Bettina costumava dizer que os flocos de neve eram as almas do céu retornando à Terra para breves visitas. Eu sabia que não era verdade mas era possível, e às vezes eu acreditava naquilo, quando a ideia me divertia.

Estendi minha mão, e vários flocos caíram sobre ela, vivos e em formato de estrela por uns poucos segundos, e quem poderia dizer? Talvez fosse a alma do vovô Giovanni, falecido há sete anos, e de Joe Hardt, nosso jogador da terceira base, morto no verão passado em sua motocicleta, e toda a família do meu pai nas distantes montanhas de Abruzzi, tias-avós e tios que jamais conheci, todos desaparecidos da Terra. E os outros, os bilhões que viveram um tempo e partiram, os pobres soldados mortos em batalha, os marinheiros perdidos no mar, as vítimas de epidemia e terremoto, ricos e pobres, os mortos desde o princípio dos tempos, ninguém escapando exceto Jesus Cristo, o único em toda a história

humana que voltou, mas ninguém mais, e será que eu acreditava naquilo?

Eu tinha que acreditar. De onde vinha meu *slider*^[1] e meu *knuckle-ball*^[2], e de onde eu tirava todo aquele controle? Se eu deixasse de acreditar, poderia me dar mal, perder meu ritmo, começar a dar moleza para os bateadores. Que inferno, havia dúvidas, sim, mas eu as rechaçava. A vida de um lançador era dura o suficiente mesmo tendo fé em Deus. Um lampejo de dúvida podia causar um treco no Braço, então para que cutucar a onça com vara curta? Deixe as coisas assim. O Braço veio do céu. Acredite nisso. Não se preocupe com a predestinação e, se Deus é só bondade, por que tanto mal, e, se ele sabe tudo, por que criou as pessoas e mandou-as para o inferno? Haverá muito tempo para isso. Entre nas ligas inferiores, passe para as grandes, arremesse na World Series, chegue à Galeria da Fama. *Então* acomode-se e faça perguntas, pergunte qual é a aparência de Deus, por que nascem bebês aleijados e quem fez a fome e a morte.

Através da neve sussurrante eu enxergava vagamente as casinhas ao longo da Arapahoe. Eu conhecia cada um em cada casa, cada gato e cachorro da vizinhança. Na verdade, eu conhecia quase todas as dez mil pessoas de Roper, e um dia todas elas estariam mortas. Essa era também a sina de cada um na casa no fim da rua, a casa de madeira com a varanda da frente vergada, a pintura descascada e o telhado pontiagudo enviesado, a casa do pedreiro Peter Molise, onde os únicos tijolos estavam na chaminé, e até ela estava caindo aos pedaços.

Mas, quando chegasse a hora de morrer, a condição da nossa casa não importaria, e todos nós teríamos que ir – vovó Bettina seria a próxima, depois papai, depois mamãe, depois eu mesmo, uma vez que eu era o mais velho, depois meu irmão August, dois anos mais novo, depois minha irmã Clara e finalmente meu irmãozinho Frederick. Em algum ponto do caminho, nosso cachorro Rex rastejaria para fora e morreria também.

Por que eu estava pensando nestas coisas e transformando o mundo em um cemitério? Estava afinal perdendo minha fé? Seria porque eu era pobre? Impossível. Todos os grandes jogadores de beisebol vinham de famílias pobres. Quem já tinha ouvido falar de um novato rico tornando-se um Ty Cobb ou um Babe Ruth? Seria uma garota? Não havia garotas em minha vida, exceto Dorothy Parrish, que mal sabia que eu existia, um reles inseto na vida dela.

Oh, Deus, me ajude! E caminhei mais ligeiro, meus pensamentos me perseguindo, e comecei a correr, meus sapatos congelados guinchando como ratos, mas correr não adiantou, os pensamentos a torto e a direito e atrás de mim. Mas, enquanto eu corria, O Braço, aquele bom braço esquerdo, assumiu o controle da situação e falou suavemente: acalme-se, Garoto, é a solidão, você está completamente sozinho no mundo; seu pai, sua mãe, sua fé, eles não podem ajudá-lo, ninguém ajuda ninguém, só você ajuda a si mesmo, e é por isso que estou aqui, porque somos inseparáveis e vamos cuidar de tudo.

Oh Braço! Braço forte e leal, fale docemente comigo agora. Conte-me sobre o meu futuro, as multidões aplaudindo, o arremesso deslizando por entre os joelhos, os batedores vindo e sendo derrotados, fama, fortuna e vitória, havemos de ter tudo. E um dia havemos de morrer e jazer lado a lado num túmulo, Dom Molise e seu lindo braço, o mundo dos esportes chocado, de luto, o telegrama do presidente dos Estados Unidos para a minha família, as bandeiras a meio pau em todos os campos de beisebol da nação, fã aos prantos sem se constranger, biografia em quatro partes por Damon Runyon no *Saturday Evening Post*: Triunfo sobre a Adversidade, a Vida de Dominic Molise.

Sob um pé de olmo, parei para chorar, a amargura pela proximidade da minha morte era grande demais para suportar; alguém tão jovem, tão talentoso, ceifado na flor da idade. Oh Deus, seja misericordioso: não me leve tão rápido! Poupe-me por alguns anos, olhe bondosamente para minha juventude. Ali pelos dezanove estarei pronto para as ligas importantes. Dê-me estes anos e mais dez, um total de doze, nada mais, nada menos, não me importo se com os Phillies ou os Cubs, apenas me dê estes anos e pode me abater aos vinte e nove, que é tempo suficiente, meu bom Senhor; calculando trinta jogos por ano, são trezentos e sessenta jogos, muito beisebol, muitos arremessos para enaltecer o nome de Dominic Molise entre os imortais.

A casa estava às escuras, as janelas da frente encarando com olhos cegos. A neve limpa e sem pegadas ao longo do caminho significava que papai ainda estava no Onyx, jogando sinuca.

Bati a neve dos meus sapatos e entrei na sala da frente, onde Clara dormia no sofá e Frederick em uma cama de campanha. Era uma casa atravancada. A única que tinha um quarto só dela era vovó Bettina, e aquilo mal era um quarto, uma peça minúscula com teto enviesado perto da cozinha, onde a cama ocupava todo o espaço e não deixava lugar sequer para uma cadeira.

Liguei a luz da cozinha, acendi o forno do fogão a gás e peguei meu dever de casa – história, um parágrafo de Virgílio para traduzir e a redação de um ensaio curto sobre o corpo místico de Cristo. Era uma daquelas noites mais fáceis, quando a irmã Mary Delphine, cansada de despejar coisas em cima de nós, concedia-nos um descanso.

Mesmo assim, levei uma hora para traduzir seis frases de latim, e à meia-noite dei início ao ensaio sobre o corpo místico de Cristo.

“O que é o corpo místico de Cristo?”, comecei. “Uma boa pergunta, uma pergunta importante, tão importante que, se não soubermos nada mais, isso é o suficiente para nos amparar até os portões do Paraíso. E, visto que é tão importante, devemos então dedicar toda a nossa atenção a isso. Todo dogma importante merece nossa mais profunda reflexão. Esquecemos disso muito frequentemente, e muitos pecadores, em suas horas finais, antes do último julgamento, encontram-se arrependidos perante Deus Todo-Poderoso, tremendo

de medo e arrependimento por terem negligenciado as verdades de sua fé. Se pelo menos estudássemos o dogma de nossa abençoada igreja tanto quanto perdemos tempo lendo livros ordinários e vendo filmes obscenos, a fim de ponderar sobre o corpo místico de Cristo, então nossa salvação estaria garantida. O tempo é curto, e a hora é chegada. Nosso Senhor pede muito pouco de suas criaturas. Ele nos proporcionou professoras abnegadas, as abençoadas freiras da Ordem de Santa Catarina, e muito frequentemente fracassamos em perceber a oportunidade de ouro que nos é dada de podermos tirar proveito de sua sabedoria e conselho. Assim, que nós possamos prestar atenção no sagrado parecer de nossas amadas irmãs e pensar cuidadosamente sobre o significado do corpo místico de Cristo. São muitos os pecados do mundo, aí de nós, mas nenhum pecador é maior do que aquele que negligencia o estudo de sua santa fé, e, quando um dia formos chamados a prestar contas das ofensas nesta vida, possamos nós ter a esperança de não sermos acusados de fechar nossos olhos às sagradas verdades da Santa Igreja de Deus.”

Na mosca.

O ensaio renderia um A-mais. Não importava que não explicasse o corpo místico de Cristo, não importava que estivesse rendilhado de tolices, todas as frases enganosas estavam ali, irresistíveis para a irmã Mary Delphine: “arrependidos perante Deus Todo-Poderoso – tremendo de medo – livros ordinários – filmes obscenos – as abençoadas freiras da Ordem de Santa Catarina – as sagradas verdades da Santa Igreja de Deus”. Delphine ficaria molhadinha.

Eu estava estudando história quando do quarto de Bettina veio um guincho do estrado de molas da cama. Vovó Bettina, inimiga de morte da companhia de energia elétrica, chegou na porta da cozinha em sua camisola de flanela. Ela era uma velhinha furiosa, com mãos tão esqueléticas que pareciam garras encravadas na pequena saliência da sua barriga. O cabelo dela era branco como linho, a pele da fronte tão pálida e transparente que quase se podia ver o interior de sua cabeça. Ela falava somente italiano e fingia não entender inglês sempre que o assunto em questão não era do seu agrado.

Por dez segundos ela apenas ficou ali parada, sacudindo a cabeça para mim com um sorriso desanimado.

– Lá está ele sentado – falou, continuando a sacudir a cabeça. – O brilhante jovem americano, produto de um ventre americano, orgulho de sua mãe tola, a esperança da próxima geração, lá está ele sentado, gastando eletricidade.

– Vovó, estou tentando estudar.

– E o que você está estudando, ó sábio e esperto neto? É um livro sobre fome e homens andando pelas ruas à procura de trabalho? É um livro contando sobre seu pai sem um serviço há sete meses, ou é a rica promessa da América dourada, terra da igualdade e da fraternidade, linda América, que fede como uma peste?

– Estamos em depressão – eu disse a ela. – Além do mais, é inverno. Papai não pode assentar tijolos com este tempo.

Ela juntou as mãos à sua frente.

– Como os jovens americanos são espertos! – arfou, sacudindo as mãos. – A geração com todas as respostas!

Gemi.

Ela farejou o ar, o unguento Sloan.

– Como sempre, você cheira como uma pestilência.

– É um cheiro bom.

– O cheiro de um país doente. Escute minhas palavras: um dia este fedor cobrirá toda a Terra.

Ela desandou a falar: – Quem você engana com esses livros tolos? – quis saber, uma advogada exibindo-se no tribunal. – Melhor seria você cair de joelhos e rezar por misericórdia! – Sua boca estava na minha orelha, seu nariz em meu cabelo, quando ela sussurrou uma pergunta maliciosa: – Você tem se confessado? Todo o garoto de dezessete anos deveria fazê-lo no mínimo duas vezes por dia.

Foi o que bastou.

– Sua velha, vá se danar!

– Ha! – ela latiu. – A jovem América fala, mostrando seu respeito pelos mais velhos! Enfim tenho minha recompensa por ter posto seu pai no mundo! Foi para isso que eu viajei por oito mil quilômetros de terceira classe para uma terra bárbara!

Os insultos vieram como chumbo grosso: eu era um chacal, um rato, uma serpente, um monstro saído da barriga da minha mãe. Eu era um aleijão, um cotovelo saía da minha nuca, meu nariz estava no meu umbigo, meus olhos estavam no meu rabo. Minha mãe era uma burra, uma vaca, uma porca, uma galinha, uma cabra. Os parentes dela eram covardes, ladrões, prostitutas, lunáticos que terminariam seus dias num asilo de loucos. Quanto a mim, acabaria com uma corda no pescoço num enforcamento público, ao lado de meus dois irmãos. A América sucumbiria em chamas, incendiada pela explosão das companhias de energia elétrica.

De mansinho, como uma gata velha, ela foi até a lâmpada elétrica numa acima da mesa e a desligou com um safanão, então zuniu para seu quarto e bateu a porta. Acendi a luz e ouvi a voz dela lá dentro, invocando Deus aos berros.

– Liberte-me deste cativoiro. Ponha-me num caixão e mande-me de volta para Torricella Peligna!

Eu entendia a sua alma perturbada e sentia pena dela. Era solitária, suas raízes soltas em uma terra estranha. Ela não queria vir para a América, mas meu avô não lhe dera nenhuma outra escolha. Também tinha havido pobreza em Abruzzi, mas uma pobreza mais suave, que todos compartilharam como um pão que se distribui. A morte também fora compartilhada, e as aflições, e os bons

momentos, e a aldeia de Torricella Peligna era como um único ser humano. Minha avó era um dedo arrancado do resto do corpo, e nada na nova vida podia suavizar sua desolação. Ela era igual a todos os outros que tinham vindo daquela parte da Itália. Alguns estavam em melhor situação, e alguns estavam ricos, mas a alegria fora embora, e o novo país era um lugar solitário onde *O Sole Mio* e *Come Back to Sorrento* eram músicas de corações partidos.

Então os gritos de Bettina tiraram minha mãe da cama, seu cabelo castanho farto solto até a cintura, as mãos segurando a camisola. Seus olhos eram enormes e verdes, e sempre atônitos. Ela nascera em Chicago, mas era de origem italiana e uma verdadeira camponesa, como vovó; também nela havia a marca da solidão, indizivelmente estrangeira, nem italiana e muito menos americana, uma frágil desajustada. Seus parentes eram de Potenza, uma cidade ao norte de Nápoles, um lugar com reputação de ser cheio de gente ruiva.

Na opinião de vovó Bettina, os potenzeses, depois dos americanos, eram o povo mais ridículo do mundo. Não que vovó alguma vez houvesse ido a Potenza e visto com seus próprios olhos, mas toda a vida ela ouviu histórias absurdas sobre os potenzeses.

Uma vez que os abruzzeses precisavam de um lugar que considerassem abaixo do seu, decidiram-se por Potenza, do mesmo modo que os calabreses desprezavam os sicilianos, os napolitanos desdenhavam de tudo ao sul de Nápoles, os romanos empinavam o nariz para os napolitanos, e os florentinos menosprezavam os romanos. Para os abruzzeses, o povo de Potenza era uma espécie de piada nacional, como se vivessem em barracas e fossem todos pigmeus. A simples menção de Potenza sempre provocava um sorrisinho condescendente em meu pai. Ele casara com uma filha de potenzeses, Deus o abençoe, mas ele estava sempre pronto a rir pacientemente dessa irônica reviravolta nos acontecimentos, e muitíssimo contente por perdoar sua mulher pelos pais que ela tinha.

Escutando na porta de Bettina os últimos lamentos da velha, mamãe estalou a língua pacientemente, pois os potenzeses também menosprezavam os abruzzeses.

– Ela se esforça, pobre criatura. Ela teve uma vida tão dura... toda aquela gente.

– Que gente?

– De Abruzzi. Não é de espantar que sejam grossos e mal-humorados. Não há nada lá além de pedras e umas poucas cabras, sem luz elétrica. Como a Calábria e a Sicília, e todos aqueles lugares pobres.

Ela jamais estivera lá, jamais estivera em lugar nenhum exceto um cortiço de Chicago.

– Como você sabe?

– Todo mundo sabe. Você percebe pelo jeito que eles agem, berrando,

blasfemando, brigando. Está no sangue deles. Olhe o seu pai.

Ela se aproximou, cheirando a sono, um mofo perfumado, talco, sabonete e os sachês da gaveta mais alta de seu toucador. Às vezes, quando eu não conseguia dormir, ia ao seu quarto e trocava de travesseiro com ela, e o perfume agia como uma droga. Ela era muito mais velha do que os seus quarenta anos. Era difícil pensar que já fora jovem. Havia uma fotografia dela aos dez anos, sentada num balanço de uma praça de Chicago, e ela parecia ter quarenta anos ali também, uma garotinha de quarenta anos, de marias-chiquinhas e sapatos brancos.

Ela foi até a pia e encheu uma xícara de água, bebendo devagar porque estava muito gelada; eu podia ouvir a água rolando dentro dela.

– Você esteve no centro esta noite? – perguntou.

– Fui ao cinema. Não o vi.

– Quem? – ela perguntou inocentemente.

– Papai.

– Ele perdeu dez dólares na noite passada.

Se meu pai admitira ter perdido dez, devia ter sido algo em torno de cinquenta. Era seu jogo de sinuca que nos mantinha durante o inverno. Ele era de longe o melhor jogador de bilhar em Roper, mas sua habilidade jogava contra ele porque era difícil atrair competidores, e ele tinha que ceder muitos pontos. Embora ele fosse astuto para calcular os talentos de um estranho, às vezes topava com um vigarista de Denver ou Cheyenne que o limpava. Então ele começava tudo de novo, jogando por vinte e cinco ou cinquenta centavos, às vezes fazendo um empréstimo para se reerguer e estabelecer uma nova aposta.

– Vão mulheres lá? – mamãe perguntou.

Ela perguntava isso constantemente, e eu sempre dizia que não, mas ela sabia que era o contrário. O Onyx era um botequim de jogo com um bar na frente e mesas de sinuca e pôquer nos fundos, atrás de uma divisória. Não era permitido mulheres na sala de trás, mas no bar elas eram tão numerosas quanto os homens.

– É uma parte ruim da cidade – falou. – Eu teria medo de entrar lá.

– O que há de ruim por lá? A delegacia de polícia fica bem na frente, do outro lado da rua.

– Isto é verdade – ela disse, com o olhar parado, alguma outra coisa a perturbá-la.

Eu sabia. Ela não conseguia expressá-lo: suspeitava que meu pai andasse de caso com alguém. Parecia uma ideia muito batida – o velho papai, pai de quatro filhos, um pedreiro sem trabalho e tentando arranjar um troco no bilhar, assumindo o problema adicional de ter uma outra mulher. A simples verdade era que meu pai não gostava muito de mulheres. Nem da sua própria mãe, e certamente que não da sua esposa.

– O que há de errado com ele? – ela continuou. – Nunca vou entender. Uma boa casa, quatro filhos maravilhosos, espaguete na mesa, vinho na adega, e ele sai toda noite. Mesmo que não se importe comigo, é de se pensar que ele teria alguma consideração pelos filhos. Por que um homem faz isso?

– É muito simples. Ele detesta mulheres e filhos. Além disso, o que seria de nós se ele não arrumasse um dinheiro jogando sinuca?

– O tempo todo? Dia e noite, domingos também? Nem mesmo uma missa de vez em quando? Ninguém joga tanta sinuca.

– É o jeito dele, e você não pode mudá-lo.

– Ele vai mudar. Deus vai intervir um dia desses. Você vai ver.

Ela se referia às suas orações, o desfiar de milhares de contas de rosário ao longo de milhares de dias, de joelhos em seu quarto fechado. Os calos nos joelhos dela estavam ali para provar.

Ela moveu-se lenta e suavemente por trás de mim, e senti seus dedos gelados no meu cabelo e, a seguir, as palmas das suas mãos nas minhas orelhas de cogumelo.

– Não – eu disse, me afastando aborrecido.

– Use a meia. E continue rezando.

O remédio para orelhas de abano, conforme sugestão dos potenezes, era o uso de uma meia de mulher na cabeça durante a noite. Funcionava bem até remover-se a meia. Aí as orelhas saltavam de novo.

– Apreendi a viver com minhas orelhas, mãe. Você vai, por favor, tentar fazer o mesmo?

– Mas você *tentou* a Mãe Santíssima? Tente durante um mês. Se ela pode fazer aleijados andar, veja como é fácil para ela...

– Cale a boca! – gritei. – Deixe-me em paz, deixe minhas orelhas em paz!

Ela me olhou espantada, ferida, de olhos esbugalhados, e, sem uma palavra, virou-se e voltou silenciosamente para o quarto, seu espírito perturbado arrastando-se atrás dela como um véu de noiva esfarrapado.

Fiquei arrependido por ter gritado com ela, me odiei por isso, mas a ideia de rezar à mãe de Deus para achatar minhas orelhas, uma vez que seu filho fizera-as primeiro salientes, parecia pura loucura. Orações! Para que serviam? O que haviam feito por ela? Meu pai ao seu lado na cama toda noite, escutando o estalido do rosário dela, encontrando-a de joelhos, tremendo de frio, que diabos você está fazendo aí, venha para a cama, pelo amor de Deus, antes que morra congelada, as orações dela como um chicote a estalar no rabo dele, lembrando-o de sua inutilidade, sua esposa como uma criança a escrever cartas para o Papai Noel, a vida em colapso nos braços de Deus, de Santa Teresa, da Virgem Maria. Oh, minha mãe era uma boa mulher, uma mulher nobre, nunca enganava ou mentia, ou decepçionava, ou sequer proferia uma palavra grosseira. Esfregava pisos e estendia imensas trouxas de roupa lavada, passava a ferro por horas e

horas, cozinha, costurava, varria e sorria bravamente nas horas difíceis, vítima de Deus, vítima do meu pai, vítima dos seus filhos, vagava com as chagas de Cristo em suas mãos e pés, uma coroa de espinhos em volta da sua cabeça. O sofrimento dela era insuportável demais de se ver, por isso eu desejava que ela dissesse “oh, merda”, ou “foda-se, Jasper”, ou “vá se ferrar, Joe”. Eu ansiava pelo dia de revolta, quando ela quebraria uma jarra de vinho na cabeça de meu pai, daria um tapa na boca de Bettina e bateria em nós, seus filhos, com um pau. Mas em vez disso ela nos punia com *Pais-Nossos* e *Ave-Marias*, estrangulava-nos com um cordão de contas de rosário.

Oração. Oh, orações! Oh, o agarrar-se ao nada por pequenos favores, como um par de sapatos, ou milagres, como acrescentar mais quinze centímetros à minha altura para que pudesse arremessar uma bola realmente rápida. Anos de orações – e qual era o resultado? Eu até já havia parado de me medir na parede do quarto. A futilidade daquilo! Se São Francisco de Assis, um dos príncipes da Igreja, tinha apenas um metro e cinquenta e dois, então que chance tinha eu de chegar a um metro e oitenta e três? Que inferno, era uma total perda de tempo, um ranger de dentes no deserto.

O velho relógio em cima do fogão seguiu em seu tique-taque, e passava da uma hora quando acabei de estudar. A casa estava gelada agora, um frio glacial que se insinuava cozinha adentro por debaixo do assoalho. Ouvi algo, um passo ou um suspiro, e dei uma olhada no quintal, lá fora. O mundo estava branco e silencioso como a lua. Montes de neve delineavam fileiras de repolhos enterrados em palha na horta. Aos poucos senti uma presença, algo lá fora, em volta de toda a casa, uma energia viva e invisível, sinistra como um arrombador, tentando forçar a entrada, espiando pelas janelas, lançando-se contra portas e paredes. Eu sabia o que era e tinha medo de pensar nisso.

Afastei-me da janela e peguei o frasco grande de Sloan do armário dos pratos. Despejei um punhado generoso e massageei o cheiro acre de pinho no Braço, esfregando, apertando e amassando-o na carne. Besuntei meu peito e pescoço e dei tapinhas nas narinas até me sentir calmo de novo, e a dor me deixar destemido.

Que problema! Será que seria sempre assim? Outras pessoas tinham pensamentos sobre a morte, e cada um os reprimia a seu modo. Eu não podia contar com O Braço para sempre, ensopando-o de unguento. Aquilo indicava um futuro muito incerto. O que aconteceria se eu me perdesse nas montanhas por uma semana, sozinho e sem Sloan? Eu me via gritando, correndo feito louco pela floresta.

Da rua, ao longe, o som propagando-se audaciosamente no sossego congelado, vinham passos rápidos que esmagavam a neve. Só podia ser meu pai. Ele sempre caminhava com determinação e propósito, indo a lugar nenhum. A varanda da frente tremeu quando ele bateu a neve dos seus sapatos.

– Mas que maldição essa coisa – ouvi ele resmungar enquanto adentrava na sala da frente e fungava. Marchou pela casa, seu jeito de informar a todos que havia chegado, e me encontrou na pia da cozinha, o frasco de unguento na minha mão.

– Quando você vai crescer? – falou, com as narinas tremendo.

Suas bochechas brilhavam como maçãs. Ele pendurou o chapéu e o sobretudo num cabide atrás da porta. Tinha quarenta e cinco anos, com mãos maciças e dedos curtos e grossos. Era um homem alinhado, cuidadoso no vestir e, mesmo em roupas de trabalho, parecia arrumado por causa das gravatas brancas que gostava de usar e do bigodinho que mantinha cuidadosamente aparado. Ele usava um anel de prata grosso no dedo indicador da mão esquerda, que afirmava ser o segredo de sua habilidade com o taco de sinuca. Embora raramente estivesse em casa, exceto para comer e dormir, a casa tinha um modo inequívoco de ficar atenta, como uma máquina começando a funcionar, no momento em que ele atravessava a porta.

Observei-o puxar um toco de charuto do bolso da camisa e nele afundar os dentes enquanto despejava vinho de uma jarra para uma caçarola. Ele não apenas fumava charutos, comia-os pedaço por pedaço. Riscou um fósforo na boca do fogão e colocou a panela sobre a chama azul. Então largou umas folhas de louro dentro do vinho. Ficou olhando fixo para aquilo em silêncio, esperando aquecer.

– Papai – eu disse. – Você às vezes pensa sobre a morte?

Ele me olhou surpreso.

– Que pergunta é essa?

– Bem, *pensa* ou não?

– Por quê?

– Por nada. Mas isso não passa por sua cabeça de vez em quando?

– Nunca.

– Nunca?

– Nunca. Não pense nisso. Pense em viver. Pense na escola. Como você está indo na escola?

– Estou indo bem. Vou me formar.

– E aí?

– Não sei. Estou pensando.

– O quê?

– Na minha carreira.

– Que carreira?

– No meu futuro.

– Que futuro?

– Várias possibilidades.

– Beisebol – falou. – Mas que bobagem.

– Eu fiz alguma menção ao beisebol?

– Você conhece Johnny Di Massio?

Eu o conhecia, um pedreiro compatriota de meu pai, também craque na sinuca.

– O mais rápido e mais hábil pedreiro do estado. Canhoto também, como você.

– A semelhança não me subjuga – eu disse, humilhando-o, já que ele falava um inglês bastante precário.

– Um dia você será mais rápido que Johnny.

Foi um choque. Ergui minha mão esquerda para a luz – O senhor está pedindo que eu use *isto* para assentar tijolos? Com certeza não está falando sério.

– Claro que estou falando sério. Vou lhe ensinar o ofício. Três, quatro anos misturando argamassa e carregando o balde, e você estará em cima do andaime comigo. Seremos parceiros – pai e filho, empreiteiros, resolvendo serviços juntos. Ganhando dinheiro.

Durante anos ele tentara me interessar pelo trabalho de pedreiro. O seu pai e gerações de antepassados haviam sido pedreiros e construtores, e ele acreditava que o ofício estava plantado no sangue da linhagem, florescendo a cada geração. Quando eu tinha apenas sete anos, ele me levou ao serviço pela primeira vez, e eu ganhava cinco centavos por dia carregando água para os pedreiros beberem. Nos últimos dois verões eu trabalhara de ajudante para ele, operando a betoneira e enchendo o balde. Fora um trabalho idiota; O Braço se ressentiu e doeu o tempo todo.

Ele era um pedreiro muito bom, assentava os tijolos tão habilmente quanto jogava sinuca: rápida, caprichada e ritmadamente, mas continuava pobre do mesmo jeito, não importando quão duro trabalhasse, até que ficou evidente que ser pobre não era culpa dele, mas culpa do seu ofício.

Tentei falar calmamente, sensatamente, em respeito a seu mau gênio, que poderia explodir como uma bomba.

– Papai, lamento dizer isto, mas não acho que eu tenha a índole certa para a profissão de pedreiro.

– Índole. O que a índole tem a ver com isso? Você tem apenas que colocar um tijolo em cima do outro e manter a parede no prumo. Qualquer imbecil pode fazer isso.

– Meu talento reside em outras áreas.

– Que talento?

– Um talento especial. Pode-se dizer que nasci com ele.

Ele me olhou com repulsa, agarrou um copo do guarda-louça e bateu-o na mesa com estrondo. Então despejou nele a bebida aquecida, soprando-a para esfriar, e encarou-me fixamente.

– Que talento? – ele repetiu.

Eu queria falar a verdade, mas não tinha como dizer *beisebol*. De vez em quando ele ainda me dava uns tapas, errando de propósito, mas nunca dava para ter certeza.

– Medicina – falei. – Ajudar pessoas doentes a ficarem bem, criancinhas aleijadas, pessoas com problemas cardíacos e hidropisia.

A ira deixou seu rosto, e ele ficou pensativo enquanto sorvia o vinho fumegante.

– Isto requer dinheiro – ele disse.

– E tempo.

– Quanto?

– Oito anos de faculdade.

– É melhor você pensar em outra coisa. Não posso pagar isso. Meu Deus, Garoto, você tem quase dezoito anos! Quando eu tinha a sua idade, eu já estava talhando pedra.

– Eu não vou ser pedreiro.

Ele suspirou e sentou-se.

– Olhe, Garoto – falou, passando os dedos pelo cabelo. – Eu sei o que está lhe incomodando, mas você não precisa largar o beisebol. Pode jogar na União dos Rebocadores. Eles têm um time bom. O jogo de domingo é ótimo.

– Oh, grande. Assentar tijolos a semana inteira, rebentar meus dedos e arremessar nos domingos. É a melhor oferta que recebi em anos.

Ele sacudiu a cabeça pacientemente, segurando o copo de vinho com as mãos em concha, soprando nele e evitando o meu olhar.

– Estamos em dificuldades – disse ele calmamente. – Devemos para todo mundo: aluguel, luz, gás, açougueiro, doutor, banco, madeireira. – Seus olhos castanhos ergueram-se como que de uma lagoa profunda e me imploraram para entender.

Não era um reconhecimento fácil da crise. Ele era um homem orgulhoso, com fé em si mesmo e nos bons tempos, e mantinha seus problemas tão escondidos quanto possível para um homem pobre. Ele jamais havia pedido ajuda antes. Olhei-o e vi um homem solitário com uma casa cheia de garotos e sem saída. Ele nunca possuiria mais do que as roupas do corpo, seu saco de ferramentas de pedreiro, sua betoneira e seu taco de sinuca favorito. Ele seguiria trabalhando ano após ano até as suas forças se esgotarem, até não poder mais erguer uma parede, e a colher de pedreiro cair de sua mão. Por que viera de tão longe, lá de Abruzzi: para isto? Vovó Bettina estava certa. Ele devia ter ficado no velho país. Se tivesse feito isto, teria mudado minha vida também. O que jogavam em Torricella Peligna – futebol, bocha?

– Vou ajudar, papai.

– Bom menino – ele disse, tomando um grande gole do vinho aquecido. – Em junho você se forma. Então vamos trabalhar juntos. Vamos mostrar para

eles! Mostrar para todo mundo. Pai e filho. Vamos pagar nossas dívidas, economizar dinheiro e um dia entraremos no comércio de madeira.

– Comércio de madeira? – me espantei.

– É onde está o dinheiro.

– Estou fora, papai. Vou aprender a assentar tijolos, mas não quero entrar no comércio de madeira.

– Não agora. No futuro. Quatro, cinco anos de pedreiro, depois o comércio de madeira.

– Mas por que comércio de madeira? Ser pedreiro não é ruim o bastante?

– É isto que quero dizer. Um homem tem que trabalhar duro para sair disso. Mas é um ofício, um começo.

Então era isso. O livro completo. A Trágica Vida de Dominic Molise, escrita por seu pai. Parte Um: As Emoções de Ser Pedreiro. Parte Dois: Diversão em uma Madeireira. Parte Três: Como Deixar seu Pai Arruinar sua Vida. Parte Quatro: Aqui Jaz Dominic Molise, Filho Obediente.

Matutei sobre aquilo e decidi não discutir, não àquela hora. Fiquei lá sentado agradando meu braço, afagando-o, acalmando-o, enquanto ele choramingava como uma criança.

Papai esvaziou o copo e lambuzou o bigode com o nó do dedo, seu rosto na luz pela primeira vez. Foi quando a percebi, uma mancha escarlata no lábio superior, embaixo do bigode. Não pude evitar o olhar espantado, e ele percebeu minha surpresa e incredulidade, seu rosto inchando com o sangue que subia. Rapidamente foi até o espelho sobre a pia e aproximou bem o rosto.

– Aquela maldita navalha – falou.

E observou para ver se eu acreditava, mas então vi em outros lugares.

– Você cortou o queixo também, e o pescoço.

– Não é nada.

Nada além de batom. Fiquei com vergonha e não pude olhar para ele. Comércio de madeira. Parceiros. Pai e filho. Queria vomitar em cima dele, sua covardia, sua baixeza, a traição, a morte, eu mesmo, minha irmã Clara e meus irmãos, todos os nossos dias e noites, vomitar todas as nossas vidas nele.

Não dissemos nada enquanto eu juntava meus livros e papéis. Quando estava saindo, ele tocou meu ombro, mas me arranquei dali para a sala de jantar e depois para dentro do meu quarto. Despi-me na luz nevoenta que jorrava através da janela e deslizei para dentro da cama ao lado do meu irmão August. Ele se contorceu e disse “oh, Deus”, quando o cheiro do unguento queimou suas narinas.

A neve cintilante dava ao quarto uma certa fosforescência. Das beiradas acima da janela pendiam pingentes de gelo semelhantes às balas puxa-puxa da minha mãe, que solidificavam como pedaços de vidro pontudo.

Da cozinha veio um mar de silêncio ensurdecedor provocado por meu pai.

Não que eu me importasse, não me importava a mínima. Mas eu me importava mesmo assim. Por que ele não tinha limpado aquilo? Por que tinha sido tão descuidado e me forçado a ver as marcas do lábio de alguma mulher que não era a minha mãe?

Aquelas mulheres horrorosas do Onyx! Onde mais na cidade meu pai poderia encontrar outra mulher para beijá-lo? Agora eu as via, mulheres bundudas e beberonas da fábrica de cerâmica, mulheres divorciadas, mulheres casadas que abriam o botequim às dez da manhã e não iam embora até ele fechar, às duas. Era uma espécie de clube fechado, uma irmandade de mulheres beberonas.

Eu podia ouvi-lo na cozinha fazendo espuma com o sabão, inundando o rosto com água, arfando e se debatendo como um homem nadando para salvar a sua vida. Ouvi o som de seus passos, e ele veio até a porta do quarto.

– Venha cá – sussurrou.

– Para quê?

– Quero falar com você.

Me levantei de cuecas e o segui até a cozinha. Seu rosto demonstrava dor, a testa franzida, os olhos suplicantes.

Parei no vão da porta.

– Não fique com uma ideia errada – ele disse. – Não é nada. Apenas uma mulher maluca vadiando. Nem mesmo sei o nome dela.

– Está bem.

– Claro que está bem. Foi apenas uma mulher maluca.

Me virei para retornar ao quarto.

– Espere um pouco.

Encarei-o de novo.

– Você sabe como a sua mãe é.

– Não vou dizer nada.

– Já tenho problemas suficientes. Você compreende?

– Claro, papai.

– Não ligo para o que você pensa de mim, mas não machuque a sua mãe.

– Entendo.

– Entende o que estou dizendo?

– Entendo.

– Certo. Seja homem.

– Certo.

Voltei para o quarto e me deitei. A luz da cozinha foi desligada, e o assoalho estalou com seus passos enquanto ele caminhava para o quarto ao lado do nosso. Houve um estrondo quando o sapato dele caiu no assoalho, e depois outro. Ouvi o tilintar de moedas e pregos enquanto ele tirava as calças, e a seguir o zunido das molas do estrado enquanto se acomodava ao lado da minha mãe.

Imaginei os dois deitados lá na escuridão de mundos diferentes, dividindo a mesma manjedoura, como um jumento e uma galinha. Marido e mulher, lado a lado, em dois leitos de um colchão abaulado, ainda assim separados pelos restos de seu casamento morto. Aquilo fez eu me contorcer. Certo, muito bem! Então minha mãe não era mais lá grande coisa, com dentes doloridos que tinham de ser arrancados e cabelos raiados de cinza que não iriam cair. Ela não usava *rouge* ou batom e seu traseiro pareceria ridiculamente pequeno num daqueles banquinhos de bar do Onyx, mas ela jamais deixaria a marca de sua boca no rosto de outro homem. Ela fazia o que tinha de ser feito, submissa à vontade de Deus – lavar a roupa, limpar, cozinhar, criar sua família. Tudo isso era o suficiente para fazer um homem sair de casa, e não se podia culpar meu pai por correr para salvar a sua vida. Mas aquelas mulheres! Aquelas mulheres bundudas e vadias! Elas sabiam que ele tinha uma esposa e família, ainda assim besuntavam-no com batom, e ele era tão ruim quanto elas por permitir.

O sono não vinha enquanto eu me virava de um lado para o outro, e minha mão acabou esbarrando numa coisa sob o travesseiro de August. Tirei-a cuidadosamente de lá. Era um grande envelope marrom. Há meses eu estava procurando aquele envelope misterioso, sabendo que ele o mantinha escondido, seu bem mais secreto.

Ele dormia profundamente, de boca aberta; me sentei e abri o envelope. Eram fotografias brilhantes de Carole Lombard, uma coleção variada, curiosamente luminosa naquela clara luz gelada. Ela aparecia em trajes de banho e vestidos de baile, com chapéus grandes e trajes de pirata, a cavalo e em lanchas de corrida, de *lingerie* na ponta dos pés.

Então descobri o verdadeiro motivo para o segredo de August. Alguns dos retratos estavam autografados com a letra dele. “Para o meu querido August, com adoração – Carole.” “Para August, com amor eterno – Carole.” “Para Augie, lembranças apaixonadas de noites em Malibu – Carole.” “Querido August: faça o que quiser comigo. Sou sua de corpo e alma. Sua Carole.”

É de se esperar que você dê risada de tais coisas, porque elas fazem você parecer um bobo. Olhei-o de boca aberta, sua respiração soltando vapores no ar frio. Os autógrafos não eram engraçados. Ele havia escrito coisas tristes, coisas íntimas, sagradas demais para que qualquer outro as visse. Ele estava com quinze anos, e eu havia me acostumado a tratá-lo como se não estivesse com mais de cinco ou seis. Todavia ali estava ele, apenas dois anos mais moço do que eu, sonhando com Carole Lombard tão intensamente quanto eu sonhava com beisebol. Me enchi de ternura. Curvei-me sobre ele e beijei sua testa gelada. Então coloquei as fotos de volta no envelope e deslizei-o para baixo do travesseiro dele.

Fiquei lá deitado na noite branca, observando minha respiração subir em plumas enevoadas. Sonhadores, éramos um bando de sonhadores. Vovó sonhava

com sua casa na remota Abruzzi. Meu pai sonhava em estar livre das dívidas e assentar tijolos ao lado do seu filho. Minha mãe sonhava com sua recompensa celestial e um marido cordial que não fugisse. Minha irmã Clara sonhava em tornar-se freira, e meu irmãozinho Frederick mal podia esperar para crescer e se tornar um caubói. Fechando os olhos eu podia ouvir o zumbido dos sonhos pela casa, e então caí no sono.

CAPÍTULO DOIS

De repente me vi despertado das profundezas do sono, sentindo uma presença por perto. Não era um sonho. Alguém estava no quarto, além do meu irmão e eu. Abri os olhos.

O quarto estava num frio glacial, minha respiração vertendo monóxido de carbono no ar congelado. Na cabeceira, uma mulher estava parada tão perto que eu poderia tê-la tocado. Seu vestido era de um gracioso veludo azul, e ao redor da cintura esbelta ela usava um cordão dourado que combinava com o cabelo. Seus pés calçavam sandálias azuis com tiras douradas. Ela olhou para mim e sorriu. Por um momento, pensei que fosse Carole Lombard. Sua mão segurava um globo luminoso, o planeta Terra, as porções de terra em dourado, os oceanos e rios em azul brilhante.

Subitamente me dei conta de quem era ela, e o choque me empurrou tremendo para baixo dos cobertores. Era a Virgem Maria. Só podia ser. A cama sacudiu com o pulsar do meu coração, e fiquei com medo de olhar de novo.

Chamei meu irmão. – Augie.

– O quê? – ele rolou para longe de mim.

Chamei-o de novo e rastejei para mais perto.

– Tem alguém aqui – sussurrei.

Ele deu um salto e sentou, de súbito completamente acordado e com medo.

– Onde? – ele disse. – Não vejo ninguém.

Sentei e olhei para o lugar onde ela estivera parada. Tinha ido embora.

Apontei.

– Ela estava bem ali. Eu a vi claro como o dia.

– Quem?

– A Virgem Santíssima.

– Oh, merda! – disse ele, afundando de volta na cama, indignado, e tapando a cabeça com as cobertas.

De manhã minha mãe nos acordou, e eu estava agitado quando sentei na beira da cama e comecei a me vestir. Augie estava deitado de costas, mirando o teto.

– Rapaz, que pesadelo que você teve.

– Não foi um pesadelo. Eu a vi.

– Você está biruta.

– Eu a vi, maldição!

Ele chutou as cobertas e colocou as calças.

– Talvez tenha visto mesmo – ele se curvou para pôr as meias. – Ela só aparece para estúpidos.

– Estou dizendo, eu a vi.
– Me faz um favor.
– Não se eu puder evitar.
– Não conte para a mãe. Você sabe como ela é. Vai acreditar em você e fazer este quarto parecer um santuário. Acenderá velas e espargirá água benta por tudo. Não queremos dormir em *nenhuma* gruta, como Lourdes.

– Augie, eu a vi. Por Deus.
– Fico feliz por você, Dom – ele sorriu. – Fico feliz por toda a família. Não é todo mundo que tem um santo como irmão. Não é de espantar que sejamos tão ricos.

Nos lavamos e fomos à cozinha para o desjejum de mingau de aveia e café. Clara e Frederick já estavam lá, terminando a refeição. Vovó estava parada ao lado da mesa como um policial severo, segurando firmemente as duas asas do açucareiro de metal. Ela era a autodesignada administradora do açúcar, contrária ao seu uso em todas as formas, enquanto nós éramos favoráveis a ele em tudo. Toda manhã ela trazia o açucareiro do seu quarto, agarrando firmemente as asas com as mãos de veias azuladas, brigando conosco a cada colherada.

Clara e Frederick saíram para a escola, e Augie e eu comemos em silêncio enquanto mamãe tomava o seu café preto. Então Augie me cutucou.

– Mãe, você viu a Virgem Santíssima ultimamente? – perguntou ele.

– Oh, sim – ela respondeu, radiante.

– Como ela estava?

– Bem, bem. Ela é tão adorável.

– Ela estava no céu?

– Oh, não. Ela estava no galinheiro.

– Galinheiro? Fazendo o quê?

Ela se inclinou para a frente, os olhos arregalando-se de entusiasmo.

– Ela estava ajoelhada ao pé da cruz, beijando os pés do Nosso Senhor.

Augie virou-se para mim e sacudiu a cabeça sabiamente: – Ela disse alguma coisa?

– Disse: “Este é meu filho amado, que morreu pelos pecados do mundo”.

Augie deu um enorme sorriso de satisfação para mim.

– Toma essa, bobalhão.

– Cala a boca – falei.

– Gostaria que ela aparecesse para *mim* um dia – ele disse. – Algumas pessoas têm muita sorte.

– Apenas reze – mamãe falou. – A oração traz todas as coisas.

– Ouviu isso, estúpido? Reze!

Peguei uma colherada de mingau de aveia e enfiei na cara dele. Ele ficou sentado ali, a papa caindo em flocos do nariz e dos olhos, o sorriso dele

imaculado.

– Oh, Dominic! – mamãe disse. – Por quê?

– Irmão contra irmão – gemeu vovó, as mãos no estômago. – Deus ajude a América!

Peguei meus livros e fui para a escola.

Aquela coisa ficou grudada em mim a manhã inteira, uma teia de lembranças, obstinada demais para ser posta de lado. Tinha eu de fato visto a Virgem Maria ou poderia ser minha mãe parada ao lado da cama? Não poderia ter sido minha mãe. Teria uma mulher estranha vindo da rua para dentro de nossa casa? Talvez tivesse sido uma ilusão de ótica, uma distorção de luz e sombra. Quem já ouvira falar de uma mulher de veludo azul e sandálias douradas perambulando pelo quarto de alguém? E por que senti a presença dela antes mesmo de vê-la?

Aquilo começou a levar a melhor sobre mim. Matei a aula de geometria e fui dar uma volta. Na varanda da reitoria, o padre Murray andava de um lado para o outro, de sobretudo preto, lendo seu breviário. Me encaminhei na sua direção para contar da visão, e então percebi que não adiantaria nada, pois ele sabia todas as respostas para todos os dilemas no Céu e na Terra e as distribuía como tabletes variados de goma de mascar.

Fui para a porta lateral da igreja e entrei, cheirando o incenso de batismos e funerais, de missas solenes e bênçãos, o meu próprio odor, da minha vida passada, da minha vida antes de eu nascer e depois de morrer. Minha mãe e meu pai tinham se casado naquela igreja, e nós tínhamos sido batizados nela. O funeral do vovó Giovanni acontecera ali, assim como ali seriam o da vovó e do resto de nós. De certo modo, era como estar entrando na igreja de Torricella Peligna. Eu nunca estivera lá, mas sabia que devia ser muito parecida com esta, com a mesma essência de velas de cera e olíbano, com algumas velhinhas ajoelhadas em oração, iguais às duas ou três que eu agora via paradas defronte ao altar da Virgem.

Molhei meu dedo na pia de água benta, fiz o sinal da cruz e andei na ponta dos pés pelo chão de ardósia até a estátua da Virgem. Seu rosto de gesso lustroso olhava para baixo quando me ajoelhei. Ela estava com os pés descalços esmagando uma serpente, o menino Jesus em seus braços. Não era uma estátua atraente, as bochechas da Virgem eram inchadas, o maxilar muito quadrado, a expressão insolente em vez de sorridente. O infante tinha o rosto de um velho carrancudo, e ele não era muito maior que as mãos dela.

Tentei rezar. “Era você?”, perguntei. “O que isto significa?” Ergui meus olhos para ela, e, quanto mais eu a encarava, mais medonha a estátua se tornava, até que me dei conta de que não tinha visto a Virgem coisa nenhuma, mas uma criatura terrena, talvez Carole Lombard, afinal de contas, ou Garbo, Jean Harlow, ou Miriam Hopkins. Meu cérebro queimava com a confusão. Era absurdo e

cansativo.

Fiquei feliz ao ouvir o sino do meio-dia badalando, e, quando saí para o pátio da escola, o sol era um cavalo flamejante no céu, perseguindo um rebanho de nuvens através das montanhas. Garotos reuniam-se em grupinhos onde a luz do sol formava ilhas de calor em frente às quadras de handebol. Em blusas de marinheiro brancas e saias pregueadas, as meninas sentavam-se nos degraus da escola cacarejando sobre as freiras, suas vozes parecidas com o gralhar de pássaros. Tudo estava degelando, as árvores nuas pingavam, torrões de neve soltavam-se do telhado de ardósia, deslizando preguiçosamente para as calhas e esborrachando-se pesadamente no chão.

Me forcei a subir a via das bicicletas e senti o beijo quente do sol. Que dia! Eu quase conseguia ver *fly balls* [3] e *popups* [4] no céu azul. Uns caras passaram caminhando e me cumprimentaram, perguntando sobre o velho braço e dizendo que agora não ia demorar muito. Quando diziam “oi, Dom”, estavam cumprimentando o maior lançador do Santa Catarina e não o garoto com sardas e orelhas de coelho.

Dois calouros vieram caminhando e um disse: – Ei, você não é Dominic Molise?

– É isso aí.

Era como ser entrevistado por uma dupla de cronistas esportivos.

– Vi você lançar contra o Boulder Prep [5] – ele disse. – Você foi matador! Sorri modestamente.

– Dois bateadores seguidos, se a memória não me falha.

– Você eliminou dezenove.

– Um dos meus melhores dias.

– Ei, Dom. Você umedece a bola?

Sorri misteriosamente.

– A resposta é sim. Mas não diga que eu disse.

– Acha que teremos um bom time este ano, Dom?

– O arremesso está em boas mãos.

Eles sorriram.

– Qual é a sua altura, Dom?

– Cerca de um e setenta.

– Diabos, sou mais alto que isto.

Apenas ri.

– Que tal é você com um bastão na mão, novato? E comigo lançando?

Aquilo o fez gelar.

– Não foi por mal, Dom.

– Tudo bem, garoto.

Eles foram embora.

Até O Braço começou a se agitar, como uma planta levada para a luz do sol.

Eu podia senti-lo pulsando, saindo da hibernação, e dei um aperto amigável nele. Devagar, meu bem; ainda estamos no meio de fevereiro, então não deixe um lampejo de sol enganá-lo; aquiete-se, volte a dormir. Depois da aula vamos atirar umas bolas, só o bastante para dar uma aquecidinha no sangue.

Às três horas daquela tarde estava nevando de novo, flocos grandes como hóstias, o céu numa escuridão crepuscular. Eram quatro quadras até o Elks Club, onde Ken Parrish e eu treinávamos duas ou três vezes por semana no ginásio do porão. O pai de Ken era um ilustre e entusiástico dirigente dos Elks e arranhou para que praticássemos lá. O ginásio era muito pequeno para praticar rebatidas, mas fazíamos um bom treino posicionando-nos nas extremidades opostas de uma cancha de boliche e atirando a bola de um lado para o outro.

Ken não estava lá quando cheguei. Vesti um agasalho e um tênis e me estiquei num banco do vestiário, esperando por ele. As janelas do porão ficavam no nível da rua, e eu podia ver a neve caindo na calçada e as pernas dos transeuntes enquanto eles abriam caminho em meio à tempestade.

Eram momentos felizes para mim, a melhor parte do meu inverno, aquelas tardes com Ken Parrish. Ele era um formando da Roper High e meu melhor amigo. Vivíamos apenas para o beisebol. Ken estava de volta a Roper depois de ter sido expulso de duas escolas preparatórias da Costa Leste não por notas ruins, mas por gazejar aulas para assistir aos jogos no Fenway Park em Boston.

O ídolo dele era Lou Gehrig, dos Yankees. Ele possuía três bastões quebrados de Gehrig e um *band-aid* com sangue seco e pelinhos do polegar de Gehrig grudados no adesivo. Tinha acontecido o seguinte: uma tarde, sentado atrás do banco dos Yankees, Kenny viu Lou Gehrig arrancar o adesivo do polegar e atirá-lo perto da linha da primeira base. Voando pelo corredor, Ken pulou a barreira para dentro do campo, arrebatando a atadura da grama enquanto dois porteiros o agarravam. Eles o tiraram do parque, mas Kenny tinha seu *souvenir* e não se importou.

Depois do jogo ele perambulou em volta do camarim dos Yankees até Gehrig sair. Ken pediu ao grande homem para autografar a bandagem, e Lou o fez com sua própria caneta-tinteiro. Aquela tira de esparadrapo agora estava pendurada na parede do quarto de Ken, emoldurada em vidro. Ele tinha certeza de que aquilo valeria muito dinheiro algum dia, mas eu tinha minhas dúvidas. Velhos jogadores desaparecem depressa.

Os Parrish eram a família mais rica de Roper. Eram donos da loja de ferragens e da companhia de móveis e moravam numa casa estilo Tudor de três andares em College Hill. Havia uma cancha de tênis nos fundos e a única piscina particular da cidade. Tinham três carros, uma cozinha, uma governanta e um jardineiro em tempo integral. A árvore de Natal iluminada deles ganhava o primeiro prêmio todos os anos.

A maciça casa de tijolos era como um castelo construído com um único

propósito – uma fortaleza para proteger sua filha única. Kenny frequentemente me convidava para ir lá, por isso eu sabia que o quarto de Dorothy ficava no canto sudoeste do segundo andar. Muitas noites, com bom ou mau tempo, eu desviava do meu caminho para passar pela janela dela e dar uma olhada. Às vezes eu a via lá em cima, mas geralmente não. Só o fato de ver a luz vinda da janela, o calor por trás das cortinas, fazia meu coração disparar. Eu a amava. Era uma coisa louca, impossível e estúpida, mas eu ansiava por ser o tapete que ela pisava, a cama em que ela dormia, o sabonete que limpava a sua pele, a privada em que ela se sentava.

Ela era estudante de inglês na Universidade do Colorado, lá em Boulder, e uma Kappa[6], e eu tinha aquele desejo infinito e ardente por ela desde a primeira vez que a vi, três anos antes, no verão em que ela trabalhou na loja de ferragens do pai. Meu corpo se arrepiava quando me lembro.

Eu tinha ido lá naquela manhã a pedido do meu pai, e ela estava atrás do balcão de guarda-pó cinza.

– Posso ajudar? – perguntou.

Disse a ela que queria um lápis número dois de pedreiro.

– Tal coisa existe mesmo? – ela perguntou, sorrindo. – Nunca ouvi falar.

– Oh, claro – falei. – Um lápis grande e achatado.

Os olhos dela eram grandes, quentes e acinzentados, seu cabelo era curto, era a loira mais amigável que eu já vi. Eu sabia quem ela era, pois ela já tinha fama no tênis e como rainha dos calouros da universidade, e a sua fotografia frequentemente estava no jornal local e no *Denver Post*.

Ela perguntou ao pai onde estavam os lápis, e ele apontou para uma prateleira na parte da frente da loja. Segui-a ao longo de uma parede com prateleiras de mercadoria de três metros e meio de altura. Ela caminhava como um gato, garbosa e suave, de tênis brancos. Seu guarda-pó era uns dois centímetros mais curto que a saia azul embaixo dele, e o seu traseiro ondulava com a agradável firmeza de um traseiro de atleta.

Os lápis estavam lá em cima, numa prateleira perto do teto, e havia uma escada alta em um trilho, a qual ela posicionou. Sem hesitação, começou a subir a escada.

– Espere – falei. – Deixe que eu vou.

– Não seja ridículo – ela disse, sorrindo.

A escada estava perfeitamente segura, presa aos trilhos em cima e embaixo, mas firmei-a com ambas as mãos, por nenhum outro motivo a não ser o de que você instintivamente segura uma escada quando alguém sobe. Fiz outra coisa sem pensar, instintivamente. Olhei. Vi o que eu jamais vi antes daquele ângulo. As suas nádegas, dois pães dourados, uma fenda de tirar o fôlego entre elas e um tufo de cabelos que parecia limalha de bronze.

Toda minha vida eu ruminara e ponderara sobre a deprimente falta de

atrativos daquele lugar, tendo-o visto por baixo dos vestidos de minha mãe e das minhas tias, assustador como um ninho de ratos, opaco como o refugio de um aspirador de pó, obscuro mas obrigatório, a escabrosa confrontação que todo homem tinha de enfrentar um dia. Não era de espantar que as mulheres mantivessem aquilo escondido. Não era de espantar que fosse pecado olhar para aquilo, pecado desejá-lo e pecado ainda maior penetrá-lo a menos que se fosse casado.

Contudo, ali na escada, a um metro e meio acima de mim, estava uma nuvem fulva flutuando na tenda da saia dela, a luz do sol através do vidro da janela infundindo uma percepção elétrica, e fiquei hipnotizado.

Então ouvi a sua voz: – Essa é a cara mais boboca que já vi na vida.

O olhar dela me dardejara lá de cima com um sorriso mortífero. Senti vergonha e um lampejo de pânico. Queria fugir para a rua. Ela desceu, e mantive meus olhos afastados, recuando.

– Cá está você.

Me virei para vê-la estendendo o lápis, estudando-me não com raiva, mas em desafio.

– Dez centavos – falou.

Dei-lhe uma moeda e peguei o lápis. Tremendo e descontrolado, me virei para ir embora e colidi num mostruário de pincéis em um prateleira de arame. Alguns pincéis caíram no chão. Pensei em fugir de novo. Ela ficou parada me olhando.

Balbuciei um pedido de desculpas e me inclinei para juntar os pincéis.

– Eu faço isso – ela disse. – Vá embora.

Fui para a rua às cegas. Era o momento da morte, o fim da minha vida. Caminhei pela Twelfth Street abaixo, procurando um lugar onde pudesse deitar e me esconder para jamais me erguer de novo. Meia quadra depois, cheguei a um beco. Estava sem luz do sol, na sombra. Encontrei uma lata de lixo propícia e me apoderei dela com ambas as mãos, cravando o olhar na desordem de farrapos engordurados, latas de óleo vazias e pedaços de máquinas, ansiando mergulhar ali dentro e me esconder.

Pensei sobre aquela manhã durante semanas, com medo de passar em frente à loja de ferragens; me pegava pensando naquilo nas horas mais estranhas, a lembrança explodia em minha memória como uma bomba. Eu protegia minha cabeça contra ela, com vergonha de me olhar no espelho, sentindo-a explodir à noite, enquanto eu jazia na cama, tremendo como se tivesse levado um tiro. Acabei botando a culpa nela. Ela não devia ter subido naquela escada. Devia ter deixado que eu subisse. Ela tinha feito de propósito.

Nunca mais a vi, até o seu irmão e eu nos tornarmos amigos e ele me convidar para ir na sua casa. Ele me levou para a sala de estar e lá estava ela – agora com vinte e um anos, linda como uma geleira, seu cabelo amarelo caindo

até os ombros. Estava sentada numa cadeira de couro, lendo com enormes óculos de aros pretos. Fazia três anos desde o fiasco na loja de ferragens, e prendi a respiração enquanto atravessávamos a sala e Kenny me apresentava. Ela disse “oi” por cima dos óculos e voltou para o livro em seu colo. Respirei aliviado. Ela não tinha me reconhecido.

– Volto logo – disse Ken. E se lançou escada acima.

Sentei no divã, e ficamos mais do que sozinhos juntos, porque foi como se eu nem estivesse na sala. Ela estava sentada perto da janela, o sol da tarde filtrando-se através de cortinas que balançavam suavemente. As pernas estavam sob seu corpo, os joelhos sedosos e lustrosos como globos dourados. Mesmo quando ela acendeu um cigarro, seus olhos me ignoraram, e fiquei contente.

A sala era imensa, com vigas no teto e uma lareira grande o bastante para se entrar nela. As cadeiras e divãs eram de couro verde-claro. Centenas de livros enfileiravam-se nas paredes. Uma vitrola tocava o *Bolero* de Ravel bem baixinho.

– Importa-se que eu fume?

Ela pegou um maço de cigarros e atirou. Fiz uma bela pegada com uma mão só e falei: – Obrigado, tenho os meus.

Mais silêncio. Acendi e me reclinei na confortável cadeira, soprando fumaça na direção das vigas.

– Realmente há muitos livros por aqui – eu disse.

Nenhuma palavra. A mão dela virou a página. Levantei e fui até as estantes. Eram basicamente livros novos, do tipo exibido na vitrine da Papelaria Martin: Hemingway, Caldwell, Bromfield, Waugh. Meu campo de leitura era estritamente na linha do Santa Catarina: *Quo Vadis*, *A Vida de Santa Teresa*, *Ivanhoé*, *O Caçador de Veados*, *Dois Anos sob o Mastro*.

A mãe de Ken era bem diferente, gorducha e distinta, muito social, sempre nos jornais. Ela não gostava de mim, mas tentava. Cada vez que ela dava comigo na casa, seus olhos cintilavam de assombro, e ela tinha problemas em lembrar meu nome.

– Olá, Tony – ela dizia.

– Dominic. Dominic Molise.

– E o que é que Ken diz que você faz tão bem?

– Arremesso de beisebol.

– Entendo. Bem, cada um tem o que merece, suponho. – Ela se virava para Kenny e dizia: – Agora, não quero você e Tony metidos em nenhuma travessura. – E saía para pegar seu carro, dirigindo-se para algum encontro importante.

Eu não via muito o senhor Parrish. Ele fora um grande atleta na universidade, mas agora estava grisalho e encorpado, usando o mesmo traje de *tweed* e fumando um cigarro atrás do outro, preocupado com os negócios, ouvindo as notícias no rádio o tempo todo e odiando Roosevelt, com os jornais de

Denver esparramados em volta da cadeira dele.

Kenny gostava de ir na minha casa. Era velha e simples, mas ele ficava à vontade lá, sentado ao lado da janela da cozinha, comendo um prato de espaguete ou uma tigela de minestrone com pão feito em casa. Minha mãe apreciava que ele fizesse perguntas sobre a sua comida. Ele era louco pela vovó Bettina, que se aproximava dele desconfiada, fechando a cara para seus sapatos bonitos, suas calças sob medida e seus suéteres de *cashmere*. Ela sentava-se à mesa de braços cruzados e o observava comer, resmungando insultos em italiano de que Kenny gostava, mas nunca entendia.

– O que é isso? – ele perguntava. – O que ela está dizendo agora?

E eu traduzia: – Ela diz que você é filho de uma vagabunda que trepou daqui a Palermo.

– Maravilhoso! – ele gritava. – Lindo! – E pulava da cadeira e atirava os braços em volta dela, tentando beijá-la, enquanto ela lhe batia de leve e fugia para o seu quarto.

Esperando por Kenny, meio que cochilei no banco do vestiário. O lugar estava quente, cheirando a vapor, suor e desinfetante. Eu podia sentir meu futuro em ondas a meu redor, a promessa dos dias que estavam por vir, os emocionantes anos que se estendiam à frente. Era sempre assim com os grandes homens, uma agitação nos ossos, uma energia misteriosa que os destacava do resto da humanidade. Eles sabiam! Eles eram diferentes. Edison era surdo. Steinmetz era corcunda. Babe Ruth era órfão, Ty Cobb era um garoto pobre da Geórgia. Giannini começou do nada. As pessoas achavam que Henry Ford era maluco. Carnegie era um nanico que nem eu. Tony Canzoneri saiu de um cortiço. Homens pobres, tocados pela magia, afortunados na América. Graças a Deus meu pai tivera o bom-senso de deixar Torricella Peligna! Os tempos estavam difíceis, isso era certo, com a depressão seguindo a pleno vapor, mas que futuro glorioso estendia-se à frente para aqueles tocados pela fama.

Kenny chegou pelas quatro. Ele usava um chapéu de pele e um casaco três-quartos de couro de carneiro. Era novo em folha.

– Muito legal – falei, observando-o tirá-lo.

– Quer? – ele o atirou para mim. – Pegue. Fique à vontade.

Eu disse “não, obrigado”, porque ele não estava falando sério, era uma brincadeira sua para fazer pouco caso do fato de que ele tinha tanto que aquilo não importava.

Ele estava mal, chutou os sapatos e atirou-os contra os armários.

– Essa neve é foda – falou.

E tirou as calças. Ele era parecido com a irmã, os mesmos olhos cinzentos e a mesma estrutura óssea. Eu sempre ficava surpreso com suas pernas de Dorothy, sua cintura fina de Dorothy. Suas cuecas eram delicadas, do tipo que você espera ver numa garota, e eu achava que elas malfadavam o seu futuro

como jogador de primeira base. Nenhum jogador de beisebol que se prezasse usaria aparecer num vestiário usando cuecas como aquelas.

Ele colocou a sua roupa de treino e os sapatos, pegamos nossas luvas, saímos para a cancha de boliche e começamos a arremessar a bola sem conversar, apenas aquecendo. Pelas janelinhas podíamos ver a neve caindo aos montes. Era deprimente. Um dos meus arremessos foi baixo e sem alvo, abaixo da luva dele, quicando na parede.

Revoltado, ele nem se virou para buscar.

– Foda-se – ele disse. – Vamos parar.

– Mal começamos.

Ele atirou a luva da cancha direto para dentro do vestiário.

– É loucura. Dois seres humanos inteligentes arremessando uma bola no porão do Elks em uma cidade insignificante do Colorado no rigor do inverno. É de dar nojo.

– Melhor do que ficar por aí sem fazer nada.

– Estou cheio, sabe? Estou pronto para dar o fora desse lugarejo esquecido por Deus. Estamos só marcando passo.

Nos pelamos e tomamos banho. Sob o jato de água quente, eu podia ver a neve caindo do lado de fora. Roper era apenas uma parada secundária na estrada para a Galeria da Fama. Um homem podia suportar qualquer crise temporária se tivesse fé no futuro.

Nos secamos com as toalhas grossas e felpudas do Elks Club. A rua estava escura agora. Ouvimos o tinir de correntes antiderrapantes, os carrilhões abafados do relógio da prefeitura batendo cinco horas.

Me estendi de costas ao longo da mesa de massagem e ergui O Braço.

– Ele precisa de você, Ken. Está clamando pelo seu toque mágico.

– Certo, querido – ele falou, dando uma pancadinha no bíceps.

Derramou álcool na palma da mão, espalhou-o pelo Braço e começou a massageá-lo, iniciando pelas pontas dos dedos e subindo lentamente, pressionando o álcool para dentro dos poros, acalmando e dando tapinhas nos músculos até a tensão se desfazer e O Braço ficar macio e maleável, pendendo molemente na mão dele.

– Não é lindo? – perguntou. – Que nem couro macio.

Cerrei o punho e senti o braço endurecer como ferro, até a clavícula. Ele nunca se sentira melhor. Cá estava ele, recém fevereiro, e O Braço estava no ponto como se fosse meio de agosto.

Ele o ergueu pelas pontas dos dedos, pesado e solto como um grande peixe.

– Isso não tem preço – falou. – Uma arma mortífera.

Sentei-me agradecido.

– Obrigado por cuidar tão bem de mim.

– É um prazer, Dom. Eu o invejo.

– Não. Nada aconteceu; ainda.
– Sou apenas um jogador mediano da escola. Não tenho futuro algum.
– O mesmo aqui. Meu velho planejou tudo ontem à noite. Ele vai fazer de mim um pedreiro.

- Sobre o meu cadáver.
- Está tudo resolvido. Termino o secundário e começo a aprender o ofício.
- Ele não faz por mal. Simplesmente não entende, o pobre tolo.

Kenny me agarrou.

– Dom, vamos cair fora daqui antes que seja tarde demais.

– Para onde iremos?

– Catalina, onde os Cubs estão.

– Pensei que você fosse um Yankee.

– Eles estão na Flórida. Catalina fica a apenas dois mil e quinhentos quilômetros.

– O que faremos ao chegar lá?

– Disputar uma vaga no time, seu burro.

Fiquei entusiasmado.

– Sério?

– Deus é testemunha!

Saltei para fora da mesa e esfreguei as mãos. Andei de um lado para o outro.

– Oh, Deus! – falei. – Eu nos Cubs!

Ele dançava para cima e para baixo, suas bolas se sacudindo. Foi até o seu armário e tirou um maço de cigarros. Acendemos um. Depois de umas tragadas, ficamos calmos, pensativos.

– Quero perguntar uma coisa – ele disse.

– Manda.

– Em total confiança. A verdade.

– Certo.

– Não minta para mim, Dom. Oh, Deus, não me iluda! É importantíssimo.

Pus a mão no coração.

– Você tem minha palavra de honra.

Ele hesitou, jogou o cigarro no chão.

– Sou bom o bastante para tentar o Chicago Cubs?

Bum! Que pergunta! Seus olhos famintos mendigavam por uma só resposta. Qualquer outra seria uma facada em seu peito. E também o fim da nossa amizade. Eu tinha que representar, fazer direito. Fui até o armário e botei minhas cuecas, então avancei para o espelho e penteei o cabelo.

– Você está me destruindo, Dom.

– Me dê um tempinho para pensar nisso – falei a ele. – Detestaria dizer qualquer coisa que alterasse o rumo da sua vida. É uma questão difícil. Quisera

Deus que você não tivesse me perguntado.

Um sorriso doentio torceu seus lábios.

– Você não tem que responder. Já sei o que vai dizer – inclinou-se para a frente, com os cotovelos nos joelhos, e cobriu o rosto.

– Não tire conclusões, Ken. Ainda estou pensando.

– Vá em frente e fale. Diga que não passo de um jogador de ligas inferiores.

– Ele gargalhou, uma gargalhada falsa, um cacarejo, e então falou amargamente. – Você pode estar errado, você sabe! Ainda sou jovem, estou em desenvolvimento, tenho ótimas mãos, acerto uma bola longa. Que droga, tenho tanta chance quanto você!

Caminhei até ele, pousei minhas palmas em seus ombros e sorri.

– Kenny, você me fez uma pergunta. Eu ainda não respondi.

– Então responda, pelo amor de Deus! Pare de me torturar!

– Ken Parrish, você é a melhor esperança de primeira base que já vi. Hoje, como interceptador, diria que você tem calibre para a liga principal. Em três, quatro anos, vai superar Charlie Grimm, talvez até seu ídolo Lou Gehrig. Quanto às rebatidas, como posso esquecer seus três *homers* [\[7\]](#) contra o Fort Collins? Um deles deve ter chegado a cento e vinte metros. Ken Parrish, você está pronto! Você é um jogador de primeira divisão hoje mesmo, neste exato momento.

Um grande suspiro, e ele estendeu a mão.

– Obrigado, gringo.

Apertamos as mãos.

– Eu tinha que ser honesto – falei. – Ao mesmo tempo, não queria que isso lhe subisse à cabeça.

– Aprecio sua franqueza.

Agora era a minha vez.

– Eu gostaria de fazer uma pergunta para você.

– Manda bala.

– Fui honesto com você. Agora quero que você seja honesto comigo.

– É para isso que servem os amigos. O que você está querendo saber, Dom?

– A mesma coisa: quais são as minhas chances no Chicago Cubs?

Ele franziu o cenho.

– Poxa, essa é difícil.

– Não se você é meu amigo, daí não é.

– Vou ter que pensar a respeito.

– Vá em frente, não se apresse.

Ele apertou o queixo com a mão e caiu em silêncio. Observei-o enfiar as cuecas e a camisa, depois as calças. Ele estava concentrado, olhando para o teto. Pôs as meias e sapatos, foi até o espelho e ajustou a gravata. Então molhou e penteou o cabelo. Se ele estava tentando me irritar, não estava funcionando, porque eu já sabia a resposta. Mesmo assim, estava demorando demais, mais do

que eu.

– E aí? – perguntei.

– Apenas uma coisa me incomoda. Qual é a sua altura?

– O que é que isso tem a ver?

– Vamos encarar – ele disse, dando de ombros. – Bons arremessadores são altos, grandes.

Não me importei com aquilo.

– Qual é a sua altura, Parrish?

– Um metro e oitenta e três.

Cruzei os braços e andei em volta dele.

– E você se diz um bom batedor?

– O melhor – ele falou, com um grande sorriso. – Você mesmo disse.

– Quantos arremessos meus você pegou nos últimos três anos?

– Alguns – ele disse, todo alegre. – Cinco ou seis talvez.

– Porra, você é um mentiroso nojento! Você pegou só um, e foi por pura sorte, quando desviou de um arremesso e o rebateu alto dentro do lado direito do campo! – Avancei para perto dele, meu ombro no seu peito. – Sabe como eu arremesso para você, Parrish? Com força, perto do seu pau, porque você não tem culhões para ficar lá e acertar!

Forcei-o contra a parede.

– Espere um pouco! – ele falou, segurando-me com seus braços estendidos.

– Você me fez uma pergunta: se eu acho que você está pronto para os Cubs. Quer a minha resposta ou não?

– Não, não quero.

Ele deu de ombros.

– Como queira.

Ficamos em silêncio. As tubulações de vapor sibilaram. Juntei minhas coisas e joguei-as amontoadas dentro do armário. Ele colocou o casaco novo e ajeitou o chapéu de pele na frente do espelho. Então se virou para sair. Eu não queria que acabasse daquele jeito. Gostávamos muito um do outro, havíamos tido muitos bons momentos no passado.

– Espere um pouco – falei.

Ele parou, voltou.

– Não estou bravo com nada – eu disse.

– Por que estaria? Você é a maior promessa canhota da América hoje.

– Por que não disse isso logo de saída?

– Eu estava testando você. A característica de um grande lançador é a vontade. E a confiança. E você tem, Dom.

Estendi a mão.

– Obrigado, Ken.

Apertamos as mãos. Ele segurou meus dedos, virou minha mão para baixo.

– Os dedos de um artista – ele disse. – Tão preciosos quanto os de Yehudi Menuhin. Quando penso neles amontoando tijolos, meu sangue gela.

Cravei o olhar nos meus dez dedos, grossos, curtos e poderosos, como deveriam ter sido os de meu pai antes de tijolos e ferramentas de pedreiro caírem em cima deles e os retorcerem como cepos de raízes, como garras de urso. Aquilo me deu náuseas. Chutei os armários.

– *Nunca* serei um pedreiro! – jurei. – Que Deus acabe comigo se algum dia eu pegar uma colher de pedreiro.

– Catalina! – Ken arfou. – Palmeiras junto ao Pacífico azul! Céus azuis banhados de luz do sol, cálidas noites tropicais! Nada de neve! Uma ilhazinha, um paraíso onde tudo que se faz é jogar beisebol e comer boa comida em um belo hotel.

– Estou escutando.

– Pense nisso! E nós aqui, neste velho porão cheio de ratos, enterrados vivos numa nevasca. Meu Deus, Dominic! Catalina está logo ali depois das montanhas, a míseros dois mil e quinhentos quilômetros!

Tive um acesso: – Vamos, Kenny! Vamos dar o fora daqui antes que a gente morra!

– Aperte aqui.

Apertamos as mãos de novo.

– Quando?

– Amanhã – ele disse. – Vamos pegar um ônibus e estaremos lá em dois dias.

Aquilo me esfriou. Havia um problema.

– Quanto vai custar?

Ele calculou cinquenta para cada um até assinarmos nossos contratos. Gemi. Toda a mobília da nossa casa, incluindo o fogão da cozinha, não valia isso. Lembrei da conversa mole do meu pai quando ele enumerou nossas dívidas – aluguel, luz, leiteiro, mercearia, companhia de carvão, doutor, madeireira. Estávamos tão falidos que até as pobres irmãs do Santa Catarina nos aceitavam sem cobrar nada.

E ali estava Kenny com seu casaco novo, sapatos ingleses e chapéu de pele falando de cinquenta dólares como se fossem cinquenta centavos; gritei, e o que eu disse foi: – Por que a sua irmã Dorothy nunca fala comigo? Por que é tão esnobe? O que eu fiz para ela? O que eu sou, um vagabundo ou coisa assim? Ela me dá as costas cada vez que me vê. É ofensivo!

O queixo dele caiu de espanto.

– O que a Dorothy tem a ver com isso?

– Muito! – falei, zanzando em volta, chutando as toalhas molhadas, batendo as portas dos armários. – Muito, só isso. Você acha que não? Quer ficar do lado dela? Certo. Então foda-se você, a sua mãe bunduda, o seu velho rabugento, a sua

casarona, os seus criados, o seu carro e o seu dinheiro.

Houve um silêncio, e eu fiquei envergonhado e muito assustado por ter vomitado aquilo feito um cachorro louco.

Ele se sentou, cruzou as mãos e cravou os olhos no chão.

– Bem, pro inferno com tudo isso.

Então ele foi aos poucos se afastando de mim, e eu dei uma cuspidinha, envergonhado. Que coisa terrível saía de mim, como pus de uma ferida! Dorothy Parrish sempre tinha sido uma coisa secreta e silenciosa que me provocava um doce desejo, uma garota adorável lendo um livro numa cadeira, numa tarde de verão, com o sol no cabelo, um sonho.

Nada restava entre nós. Mesmo Catalina não valia o esforço. Éramos estranhos. Talvez nossa amizade estivesse acabada, talvez fôssemos inimigos. Enquanto subíamos as escadas para a escuridão da rua, eu estava certo de que havíamos tido nosso último treino no ginásio do Elks.

A neve caía tão intensamente que não conseguíamos ver a prefeitura do outro lado do caminho. Os carros moviam-se tristemente no trânsito lúgubre, com os faróis obscurecidos e encobertos. Nos arrastamos por uma quadra até a parada de ônibus na Pearl Street, ao lado do carrinho de pipoca coberto de neve. Geralmente eu esperava até o ônibus pegá-lo, e combinávamos o próximo encontro. Agora ele distanciava-se para ficar sozinho, com as mãos nos bolsos do casaco de couro de carneiro, examinando a rua à espera da chegada do seu ônibus, flocos de neve salpicando seu casaco. Finalmente os olhos brancos do ônibus surgiram em meio à escuridão. Ele foi para o meio-fio.

– Bem – sorriu. – Fique frio, gringo.

Aquilo me deixou furioso. Agarrei-o pela garganta.

– Nunca mais me chame disso!

Os olhos dele saltaram de espanto. Soltei-o, ele se virou e entrou no ônibus. O veículo partiu, vomitando cheiro de óleo enquanto desaparecia na nevasca. Enfiei as mãos nos bolsos e me pus em marcha pela Pearl Street, caminhando pesadamente em meio à neve suja daquela tempestade despropositada. Mas havia um consolo na neve, apesar de tudo. Ela escondia você dos outros, as suas sardas, orelhas de abano e altura deplorável, e você passava por outros fantasmas na desolação, com as cabeças curvadas, olhos escondidos, a culpa e a inutilidade profundamente protegidas ali dentro.

CAPÍTULO TRÊS

A ceia estava pronta, a mesa posta na sala de jantar. Nós esperávamos, vovó Bettina observando da janela da frente.

– Ele virá – mamãe disse. – Ele sabe que hoje tem cordeiro.

Ela parecia quase festiva, o cabelo trançado e preso em um coque, usando um vestido novo, um perfume de lilases seguindo-a – talco demais.

Pelas sete horas já sabíamos que ele não viria e sentamos para comer minestrone, peito de cordeiro recheado com arroz e passas, pimentões com alho e azeite de oliva, e gelatina.

Mamãe não comeu. Ela saiu da mesa e a ouvimos na cozinha, lavando potes e panelas. Dois lugares vazios na mesa agora, a garrafa de vinho ao lado do guardanapo de papai.

– Eu chamaria a polícia – disse Clara.

– Para quê?

– Dar uma lição nele.

Ela sempre tinha sido uma leal aliada de mamãe. Agora estava com treze anos, subitamente atrevida e hostil, ansiando por seu próprio quarto em vez de dividir a sala da frente com Frederick, dormindo no duro sofá de couro.

– Perambulando naquela porcaria de casa de sinuca! – ela disse. – Eu não deixaria o *meu* marido fazer uma coisa dessas impunemente.

– Fique quieta – falei, ruminando sobre Kenny, sabendo que tinha perdido o meu melhor amigo.

– Não vou ficar quieta. O que você sabe? Você é um homem, como o seu pai. É sempre assim, os homens contra as mulheres.

– O que se pode esperar da América? – rosnou vovó Bettina. – Cartas e casas de sinuca, uísque e mulheres! Deem-me a doce pobreza de Cristo e os velhos bons tempos. Pelo menos as cidades eram pequenas, um homem não podia ir muito longe e voltava para casa quando ficava com fome.

Levamos nossos pratos para a cozinha e começamos a fazer o dever de casa, enquanto Clara e mamãe recolhiam os pratos. Meu pai saía frequentemente, mas naquela noite havia algo errado. Estava no ar que respirávamos.

– Não, mamãe – disse Clara, e nós tiramos os olhos dos livros para ver a nossa mãe chorando baixinho. Ela enxugou as mãos vermelhas e atravessou correndo a sala de jantar até seu quarto.

Clara terminou de lavar os pratos e trouxe seus livros para a mesa. Estávamos infelizes e era duro se concentrar. Não dava para ouvir mamãe chorar, mas até a casa estava atenta às suas lágrimas, o assoalho que seus pés

havam pisado, a mobília, o velho e cordial fogão, os potes e as panelas, o pano de prato na pia, ainda molhado das mãos dela.

– Vá lá com a sua mãe – vovó disse.

Ela estava deitada com a cabeça no travesseiro, olhando para o teto, seus olhos pareciam pássaros molhados. Sentei na beira da cama, peguei a sua mão gelada e leve e perguntei se havia alguma coisa que eu pudesse fazer.

– Ele mentiu – ela disse com amargura. – Ele sempre mentiu. E agora é tarde demais.

Ela se sentou e assoou o nariz.

Do outro lado do quarto, embaixo da cômoda, estavam os sapatos de trabalho do meu pai, não usados há meses, tortos, disformes e esbranquiçados de argamassa, as pontas viradas para cima como os sapatos de um defunto.

– Não o culpo mais – ela falou, olhando-se no espelho. – Estou velha, não sou nada, nunca fui. Não é de espantar que tenha casado com ele! Não havia mais ninguém.

– Você está bonita, está muito bem.

Era tudo o que eu podia dizer, e era verdade. Eu não queria que ela fosse diferente em nada. Ela não era uma beldade, mas era bonita, uma *mater dolorosa*, como a mãe de Deus.

Imagens sagradas nos encaravam das paredes; a madona acima da lateral da cama, o Salvador com seu coração exposto e sangrando sobre a cabeceira, uma estátua de Santo Antônio na cômoda, Santa Teresa do outro lado do quarto. Parecia uma alcova de freira, e de novo me perguntei como eles podiam fazer amor num quarto como aquele, embora nós quatro tivéssemos sido concebidos ali, exatamente naquela cama.

– Ele nunca quis saber de mim – ela disse com amargura. – Na verdade, ele queria se casar com a sua tia Flora, mas ela não o suportava. Quando ele lhe deu o anel que ela nunca colocou, ela atirou-o na pia e riu, então ele o deu para mim, para ofendê-la. E foi assim que me casei com o seu pai.

– Você não o amava?

– Eu tinha pena dele, se é isso o que você quer saber.

Eu não podia suportar os sapatos retorcidos embaixo da cômoda, duros, luminosos e grotescos. Levantei-me da cama e coloquei-os com estrondo dentro do armário.

– Ele gosta que fiquem sob a cômoda – ela disse.

– Eles me provocam arrepios.

– Então nos casamos, e ele me falou sobre nossa maravilhosa casa em Roper. Minha própria casa! – Lembrar disso a fez sorrir. – Você não sabe o que isso significa para uma mulher. Na floresta, ele disse, bem junto a um riachinho, um lugar para criarmos nossos filhos. Pegamos o trem para Denver, e ele disse que tinha perdido os bilhetes; o condutor esperou, esperou, então ele disse que

também tinha perdido a carteira. Fiquei com muita pena dele porque ele tinha aquele sotaque italiano engraçado, e o condutor não entendia uma palavra, então eu mesma paguei a passagem. Alguém me roubou, ele disse, alguém me roubou novecentos dólares. Coitado. Se casou comigo sem um centavo, nem mesmo um dólar para dar ao padre.

Ela ficava olhando de relance para o lugar vazio onde os sapatos haviam estado, e então se levantou da cama, foi até o guarda-roupa, retirou os sapatos fantasmagóricos e colocou-os embaixo da cômoda de novo. No espelho, ela estudou os cabelos despenteados e começou a tirar os grampos, segurando-os na boca, enquanto falava: – E então vi minha casa, minha maravilhosa casa na floresta. – Os olhos dela passaram pela cama, seu sorriso com um toque de ironia. – Você acha que esta casa é fria e decrépita? Deveria ter visto aquele lugar no arroio Roper! Um barraco perto do velho depósito de lixo da cidade. Feito de madeira velha e telhado de zinco. Sem água, sem pia, sem banheiro. Tínhamos que ir lá atrás das árvores. E a mobília: caixas para se sentar, um colchão como cama e um barril de óleo como fogão. Oh, Deus, como ele mentiu para mim!

O cabelo dela caiu sobre seus ombros, ela passou os dedos por ele e chorou.

– Então a velhinha do barraco do lado bateu na porta e perguntou se podia pegar a sua mobília de volta, porque ele a tinha pedido emprestada: as caixas, o fogão, o colchão; eu a ajudei a carregar, e não sobrou nada, apenas o chão sujo.

Pensei o quão terrível deve ter sido para ela, mas também fiquei com pena do meu pai. Ela tinha sido apenas a vítima, enquanto ele tinha sido a vítima e o traidor.

– Coitado do sujeito! – falei.

– Ele mentiu! – ela gritou em resposta.

– Ele era pobre, não tinha saída.

– Ele era um mentiroso.

– Ele era orgulhoso, por isso mentiu.

– Como pode um mentiroso ter orgulho? – ela foi até a janela, onde o vidro tinha congelado. Tremendo, agarrou os ombros e se afastou. – Não culpo mais o seu pai. Culpo a mim mesma. Se você se submete às mentiras de um homem, você é tão ruim quanto ele. Você é uma mentirosa igual a ele.

Uma buzina soou na rua. Quando cheguei à porta da frente, Clara e meus irmãos já estavam lá, olhando para um sedã cinza parado no meio-fio. Só podia ser Kenny no carro do pai dele.

– Uau! – disse Augie. – Um LaSalle novo em folha. Olha só que capô comprido!

Corri para fora em mangas de camisa. Kenny estava atrás do volante e, a seu lado, a inacreditável, a linda Dorothy. Ela estava usando um casaco de *mink* e um cachecol branco em volta do pescoço, o cabelo cor de mel para dentro da

gola alta. Estava sorrindo, efetivamente olhando para meu rosto e para os meus olhos pela primeira vez. Me senti flutuando, saindo do chão, e tive que me agarrar ao carro para me manter na terra, aturdido e sem palavras.

– Oi – ela sorriu.

Foi mais eloquente do que tudo de Tennyson. Meu Deus, que coisa adorável de dizer! Meu Deus, que inspirador, que comovente! Como ela era esperta!

– Oi – respondi, mas mesmo assim fiquei com medo de ter falado demais, uma longa preleção que a chateasse. Kenny estava me observando. Ele viu.

– Pegue seu casaco, Dom.

– Claro. Para quê?

– Um filme de Ginger Rogers no Apollo. Ela quer ver.

Estava mesmo acontecendo? Será que eu não estava inventando aquilo tudo? Será que eu estava ficando completamente doido varrido e tinha corrido para a rua imaginando aquilo tudo? Encarei o rosto reluzente à minha frente, o par de grandes olhos cinzentos, a boca encantadora da qual saíram graciosos vapores brancos.

– Venha, por favor – disse a boca.

Lindo. Melhor do que Shakespeare. Quase vim abaixo. O aroma do perfume dela deslizou de dentro do carro e me envolveu como uma nuvem cor-de-rosa, voltei para casa cambaleando de encantamento, sem os pés, um zéfiro, uma coisa flutuante levada adiante pelo motor do meu coração.

– Quem são eles? – perguntou a vovó. – O que querem?

– É Kenny – falei, passando por eles aos empurrões.

– O carro mais quente das pistas hoje em dia – disse Augie.

– Parece um rabecão – disse Bettina. – Para onde estão levando você, para o cemitério?

Afastei-os da porta aos safanões e a fechei.

– Animais – eu disse.

Enquanto eu trocava de camisa, Augie trouxe-me seu casaco de lã, a melhor coisa que ele possuía. Tentei pentear meu cabelo no espelho, mas eu tremia tanto que não conseguia dividi-lo direito, e gradualmente comecei a apagar, não podia nem pensar em estar tão perto dela, dividindo o mesmo assento do carro com ela, e um vazio entorpecedor tomou conta de mim. Afundei na cama, minhas mãos pendendo entre os joelhos enquanto eu sentia que me transformava num boi ou em alguma besta estúpida de quatro patas. Quase podia sentir minhas orelhas ficando maiores e os pelos de animal crescendo no meu rosto. De que adiantava? Não importava o que a noite reservasse, eu sabia que faria tudo ir pelos ares. O que eu poderia dizer quando aqueles frios olhos cinzentos me avaliassem? E se ela me beijasse? Eu cairia morto.

A buzina do LaSalle tocou rispidamente na rua. Frederick entrou correndo no

quarto.

– Ande logo! Eles estão esperando!

– Não me sinto muito bem.

Augie me sacudiu e me pôs de pé. Agarrou o frasco de Sloan da cômoda e sacou a rolha.

– Aqui. Use isso.

– Vou feder.

– Apenas aspire até recobrar as forças.

Ele empurrou o frasco para baixo do meu nariz e inalei fundo. Aquilo ajudou. Meus ossos estavam endurecendo, meus músculos retesando-se, o cheiro cáustico me envolvendo como uma chama quente, até que fiquei ereto e corajoso, lágrimas correndo dos meus olhos enquanto o unguento arrefriava os pelos das minhas narinas.

Então lembrei quem eu era – não um zé-ninguém, um pé de chinelo, mas O Braço, o mandachuva, o rei da cocada preta, o bambambã, não um zé-ninguém, mas o homem com um arsenal de *sliders*, o homem da pegada firme, Senhor Galeria da Fama.

Augie segurou o casaco de lã e eu deslizei para dentro dele com a calma restaurada. Fui devagar para a sala da frente, passando pela turma na porta, até o carro que esperava. A porta da frente abriu-se, e deslizei para o assento ao lado do sonho. Ken girou a ignição. Houve um esmigalhar de gelo quando o carro moveu-se para a rua.

O milagre. Todas as minhas horas ansiando por ela, todos os desatinados devaneios impossíveis, e de repente ela estava ao meu lado, dourada e sagrada. O carro estava quente e aconchegante, e exultei na embriaguez do perfume dela. Ela se mexeu levemente, o prazer acidental de seu joelho contra o meu. Como um beijo. O que aconteceria a seguir era insondável, além da imaginação. Era capaz até que ela falasse comigo.

A neve estava espessa sobre a rua, e Ken dirigia cautelosamente, a trinta quilômetros por hora. Os olmos ao longo da Arapahoe estavam rendilhados de neve. As luzes da rua davam à neve uma calidez cintilante, montes brancos sensuais como pães. Nenhuma viva alma andava pelas ruas, e apenas um carro passou ao acaso, fluuando em câmera lenta.

Sáímos da Arapahoe e rumamos para o norte pela Twelfth Street, na direção do centro. Ela não dissera uma palavra e parecia satisfeita em fitar a rua à frente. Acendeu um cigarro com o isqueiro do painel, e uma bolha de fumaça preguiçosa e encantadora rolou da calidez de sua boca. A fumaça dela. Diferente. Irresistível.

Kenny falou com ela.

– Agora, lembre-se, você prometeu se comportar. – Para mim ele disse: – Conte para ela o que você falou essa tarde.

O tolo. Fiquei embaraçado.

– Você fala demais – eu disse.

A mão dela pegou a minha.

– Concordo – ela disse.

Senti a suave calidez de sua luva de pelica preta apertando a minha mão.

– Lamento se fui rude – ela acrescentou. – É que você e Ken só falam sobre beisebol.

– Você não gosta de beisebol?

– Posso viver sem isso.

– Do que você gosta, então?

– Tênis, esqui, livros. Amo James Joyce.

– Quer dizer Jim Joyce, um dos bases do St. Louis Browns?

– Oh, meu Deus.

Ela exalou e apagou o cigarro impacientemente. Kenny abriu um sorriso.

– Ela quer dizer Joyce, o escritor.

Eu e minha boca grande. Nunca tinha ouvido falar no cara. Ela ficou rígida, cruzando os braços e olhando em frente.

– Oh, *esse!* – falei, tentando encobrir minha ignorância, mas foi inútil, e eu sabia que ela estava convencida de que eu era um pateta. Olhei o rosto dela, o seu queixo duro, os dentes cerrados. Eu queria saltar para fora e rolar sob as rodas do carro. Ela se recusou a dar outra palavra.

– Viu o que você estava perdendo? – disse Ken. – Uma genuína e autêntica cadela.

Ele encostou ao meio-fio do outro lado da rua do Apollo. Desci ligeiro, quase voando, então lembrei de dar a mão para ajudá-la a sair, mas ela me ignorou e passou ventando por mim, se agasalhando no seu casaco de pele e se precipitando na direção do cinema, com Ken atrás dela.

Fiquei lá parado com o sangue congelado, me sentindo mal e incapaz de me mexer. A grade de ferro em volta da prefeitura estava a poucos metros de distância, e, além dela, as moitas de lilases carregadas de neve. Pensei em pular a grade e seguir em frente, direto para o Wyoming. Eu estava no estado errado, com a garota errada, com medo dela, com medo de respirar na presença dela. Mas ainda havia outra saída. Eu podia correr até a estrada de ferro e me atirar na frente do trem das oito vindo de Greeley, me arremessar no limpa-trilhos, peito esmagado, crânio arreventado, sangue por tudo, jovem de Roper comete suicídio, pais identificam o corpo de Dominic Molise, conhecido atleta.

– Ei, venha!

Kenny estava abanando em frente ao cinema. Atravessei a rua. Dorothy estava parada embaixo da marquise, batendo os pés. Claro que eu não tinha dinheiro, e Kenny comprou os ingressos. Ela olhou de relance para mim, rapidamente, fria como uma estrela, enquanto Kenny se afastava da bilheteria e

entrávamos.

O lugar estava praticamente vazio, talvez umas vinte pessoas. Um cinejornal estava mostrando o ex-presidente Hoover jogando golfe. Meia dúzia de espectadores vaiou. Sentamos nos camarotes do fundo, onde era permitido fumar, Dorothy entre nós. Ela arrancou o casaco de pele e tentei ajudá-la, mas ela o fez sozinha, energicamente, sem aceitar nenhuma ajuda minha. Uma fragrância estonteante encheu o ar, desprendida pelo casaco aberto. Eu a aspirei e dei um suspiro. Ela pôs um cigarro nos lábios e esperou o fogo de um de nós. Revirei meus bolsos feito louco, e ainda estava esgravatando quando Ken acendeu o Camel dela. Ela soltou a fumaça e recostou-se, esperando o fim do cinejornal.

Então a primeira das duas atrações surgiu na tela. Era Tom Mix em *The Man from Nogales*.

– Oh, que merda – ela sussurrou, sabendo que teria que aguentar aquilo até Ginger Rogers aparecer em *Dancing Daughters*.

O faroeste aborreceu-a desde a primeira tomada de Tom Mix e Tony. Por dez minutos ela remexeu-se inquieta, cruzando e descruzando as pernas enquanto a tela chamejava com o tiroteio.

De repente ela disse: – Não aguento isso – pegou o casaco e saiu corredor afora. Virei-me surpreso e a observei saindo do cinema.

– O que aconteceu?

Ken afundou-se ainda mais na cadeira.

– Ela não gosta de filmes de caubói.

– Talvez devêssemos ir também.

– Eu não. Adoro Tom Mix.

Levantei e me precipitei corredor afora. Quando cheguei na rua ela estava se ajeitando atrás do volante do LaSalle. Chamei-a, ela me viu e ligou o motor. Atravessei a rua correndo enquanto o carro começava a andar, esmigalhando neve.

– Espere.

O carro parou, e os olhos cinzentos, quase solenes agora, viraram-se para mim.

– O que é?

– Não vá. Fique.

Ela curvou os ombros.

– É tão infantil, todo aquele tiroteio.

O vento da noite agitou o cabelo dela, fez o cachecol branco esvoaçar contra suas luvas pretas. O ar que ela exalava saía flutuando como uma flor no ar gelado. Eu poderia ficar olhando para sempre.

– Está muito frio – ela estremeceu. – Por que você não volta para lá com Ken e aproveita o filme?

Mas eu não podia deixá-la. Talvez eu nunca mais ficasse a sós com ela de novo. Um homem tem poucas chances com uma garota como ela.

– Tenho que falar com você – falei. – É muito importante.

– Outra hora.

– Estou desesperado, Dorothy. Ajude-me. Preciso do seu conselho. Preciso muito.

Suas sobrancelhas ergueram-se.

– Desesperado? – Ela achou graça. – Como seria possível eu lhe dar qualquer conselho?

– Eu sei que você pode.

– Como, pelo amor de Deus?

– Apenas escutando. Você faz psicologia, não faz?

Ela considerou cuidadosamente.

– Entre – falou sem entusiasmo.

Dei a volta correndo para o outro lado e sentei ao seu lado. Ela engatou a marcha, e o carro seguiu pela rua. Enfim sós, Dorothy Parrish e Dominic Molise. Era o ponto alto da minha vida.

Ela dirigia lentamente, sem falar, como se dando tempo para eu organizar meus pensamentos. Eu sabia que tinha que me sair bem e fiquei esquadrinhando minha mente, tentando encontrar alguma coisa que valesse a pena. Aí me ocorreu a visão da virgem parada ao lado da minha cama.

Fomos por Pearl Street. As vitrines das lojas estavam iluminadas, mas a rua estava deserta. A oeste, uma nuvem pesada estava pousada como um cisne na montanha Flagstaff. Ela virou na Walnut e passamos pelo Onyx, com suas luzes de néon chamejantes. Pessoas estavam sentadas ao longo do bar, e a música da *juke box* transbordava para a rua.

– Bem, meu jovem, qual é o seu problema?

– Um sonho que eu tive. Ele me preocupa.

Os olhos dela voltaram-se para mim; estavam agitados e apreensivos.

– Talvez eu não seja a pessoa com quem deve falar. Sonhos são muito pessoais. Você não deveria ir a um psiquiatra?

– Não é nada tão terrível assim. Quer dizer, não é nenhuma perversão ou algo do gênero.

– Tem certeza?

– Claro que tenho certeza. A Virgem Maria estava nele.

– Não sei coisa alguma sobre ela. Por que você não fala com o padre?

Contei a ela sobre a visita misteriosa, como eu havia acordado Augie, que não conseguiu vê-la. Enquanto eu falava, cruzamos a cidade de cima a baixo, as áreas de piquenique, até Chautauqua, em volta do campus da universidade, o carro muito quente por causa do aquecedor que zumbia embaixo do painel.

Quando ela deslizou os braços para fora do casaco de pele, eu a ajudei, e ela

me agradeceu enquanto soltava-se dele, um ninho de *mink* forrado de seda dourada. Por baixo havia um suéter branco de gola olímpica, uma saia de lã verde e joelhos redondos e macios.

Mesmo enquanto eu falava, não ousava olhar muito atentamente para ela. Cada detalhe provocava uma pequena explosão em mim – a curva do seu cotovelo, a perfeição escultural das suas narinas, a sensualidade dos seus cabelos, a perfeição preciosa do seu relógio de pulso, o batom no seu cigarro, a curvinha da sua barriga, a maciez de seu regaço, os seios vistosos desfilando garbosamente à frente do resto, exibindo-se com vitalidade.

A visita a desconcertou e fascinou, mas ela insistiu que não tinha sido nada mais que um sonho. As luxuriantes palavras de sua boca vertiam como música, e eu guardava cada sílaba cuidadosamente no depósito da minha cabeça, jurando lembrar-me delas para sempre. Como Roper estava linda agora! Como as adoráveis montanhas estavam próximas! Que ruas encantadoras, que gente querida em pacatas lareiras! Que felicidade estar vivo, que excitante era o futuro!

Tudo isso, o inacreditável e a perfeição daquele momento martelavam ao redor das minhas coxas, retumbando como um tambor fortemente esticado, doloroso, retorcido, o delicioso tormento espalhando-se em mim.

Ela disse que havia estudado os sonhos sem imaginar o que estava acontecendo dentro de mim.

– Um sonho é como uma bola de beisebol. Você tem que remover o couro de cavalo e desenredar todo o cordão antes de chegar ao miolo.

– Legal – falei a ela. – Vamos fazer isso. Vamos desenredá-lo.

– Vai levar tempo. – Ela me olhou de relance, sorrindo. – Você se importa?

– Oh, não. Leve o tempo que quiser. Você ajudou muito. Não sei como agradecer. Estou aprendendo coisas que jamais soube antes. Você deixa tudo muito claro.

Ela ficou satisfeita.

– Que tal uma xícara de café?

– Me faz ficar acordado – eu disse, sabendo que não tinha um tostão.

– Se vamos discutir isso, você vai *ter* que ficar acordado. Podemos tomar na minha casa.

– Boa ideia.

Estávamos bem na zona sul da cidade, dando uma volta pelo coreto do parque de exposições. O tambor na minha virilha ficava cada vez mais esticado, ondas de dor espalhavam-se pelas minhas costas e pernas abaixo. Meu pau estava duro como uma lança tremulante, um sério problema, e eu sabia. Quando chegássemos à casa dela e ela me visse na luz, nossa discussão acabaria ali mesmo.

Perguntei:

– Você se importaria em parar no Elks? Deixei um livro no ginásio.

– De modo algum.

Estávamos de volta ao centro.

– Quantos anos você tem? – ela perguntou.

– O bastante. Idade não é importante.

– Dezesete é importante. Você tem dezesete, não tem?

– Quase dezoito.

Ela estacionou ao lado do meio-fio no Elks Club.

– Visto que estamos fazendo perguntas, quantos anos você tem?

– Vinte e três.

– Não é velha demais.

– Velha demais para quê?

– Quer dizer, você não é uma mulher velha.

Ela sorriu.

– Velha demais para você.

Não falei nada, mas não concordei. Ela poderia ter setenta anos e não teria importância. Quando ela tivesse oitenta, eu teria setenta e quatro, e quando ela chegasse aos cem eu teria noventa e quatro, então que droga de diferença a idade fazia?

Desci do carro, minha virilha guinchando por socorro enquanto eu ficava ereto e sentia um aperto nas ferramentas. Mas o casaco de lã do meu irmão me cobria até os joelhos enquanto eu percorria sem vacilar os degraus cobertos de neve até o ginásio.

O porão estava escuro e muito quente por causa da tubulação de vapor que ficava em cima dele. Fui até meu armário, tirei as calças e me meti num suporte atlético. Então enfiei as calças de novo e parei em frente ao espelho. A sunga funcionou, ocultando tudo o que poderia ser embaraçoso. Não havia nada de novo nesta técnica. Muita gente a usava.

Quando voltei para o carro, ela viu que eu estava de mãos vazias.

– Não consegui achar – eu disse.

Fomos para a casa dos Parrish, e ela conduziu o carro para dentro da garagem, ao lado do Buick da mãe. Carregando o seu casaco, seguiu a escada acima até a entrada de serviço. Ela abriu a porta e acendeu a luz. Estávamos na cozinha.

Uma peça enorme. Fogão e refrigerador brancos, todos os tipos de panelas e caçarolas de cobre pendendo das vigas baixas, um piso de ladrilhos vermelhos brilhantes. A copa tinha uma ampla mesa de carvalho rodeada de cadeiras de braços. No centro havia uma tigela de maçãs e laranjas.

Ela pegou o casaco de pele que eu segurava, atirou-o sobre as costas de uma cadeira e me disse para ficar à vontade. Tirei o casaco de lã e me sentei, observando-a mover-se de um lado para o outro pelo assoalho cintilante enquanto

preparava o café.

– Vamos começar do princípio – ela disse. – Conte-me de novo o que aconteceu.

Enquanto eu falava, comia-a com os olhos. Seu belo traseiro por baixo da saia verde era firme como uma bola de basquete. Que encanto que ela tinha. Transformava o ato de fazer café em um *ballet*. Nunca pensei que abrir um guarda-louça pudesse ser tão lindo. Quando ela trouxe o jarro de creme e o pôs em cima da mesa, a pressão dentro da sunga avolumou-se como uma bomba-relógio.

– Você está com fome? – ela perguntou.

– Não faz diferença.

– Que tal ovos mexidos?

– Legal. Posso ajudar?

– Se quiser.

Dei uma olhada nas minhas mãos. Precisavam de água e sabão. Ela inclinou a cabeça na direção de uma porta.

– O banheiro é por ali.

A porta dava para uma lavanderia, o banheiro na outra extremidade. Lavei e sequei as mãos e comecei a voltar para a cozinha. Um varal ao longo da lavanderia chamou minha atenção. Estava esticado com uma dúzia de calcinhas, penduradas ali como um bando de garotas risonhas. Algumas eram azuis, algumas eram cor-de-rosa, algumas eram brancas e algumas eram douradas. Eram delicadas e pequenas demais para pertencerem à senhora Parrish. Não podiam adornar outra que não a glória de minha vida, as sagradas sedas da minha amada. Puxa vida! Eu estava me dando bem essa noite! Caminhei ao longo da linha e deixei meu rosto roçar em cada uma das calcinhas. Elas acariciaram minhas narinas, despentearam meu cabelo. Eram doze. Tantas, e eu não tinha nenhuma, sequer uma como troféu para levar de recordação. A dourada atraiu meu olhar. Tinha lantejoulas pretas em volta das bordas, leve como uma pluma, delicada como um passarinho. Uma para mim, onze para Dorothy; era mais do que justo. Desenganchei os prendedores de roupa e soquei-a debaixo da minha camisa. Senti-a perto da minha pele, respirando ali, alegremente aconchegada.

Então fui para a cozinha. Dorothy estava no aparador, quebrando ovos e derramando-os dentro de uma tigela. Só observar as coisas ovas racharem em seus dedos alvos e se derramarem num “ploft” dourado provocava uma série de pequenas explosões dentro de mim. Minhas panturrilhas estremeceram quando ela os bateu com um garfo e eles ficaram amarelos como seu cabelo. Ela despejou um pouco de nata na mistura, e a sedosa maciez do creme que caía me deu vertigens. Eu queria dizer: “Dorothy Parrish, eu te amo”, pegá-la em meus braços, erguer a tigela de ovos mexidos acima de nossas cabeças e derramá-los

sobre nossos corpos, rolar com ela pelos ladrilhos vermelhos, lambuzados com a conquista dos ovos, contorcendo-nos e escorregando no amarelo do amor.

Fiz as torradas, e ela passou manteiga nelas enquanto falávamos sobre assuntos perenes como o tempo, cinema e o fato de que todo mundo estava resfriado. Fomos para a mesa redonda, comemos ovos e torradas e tomamos café.

Ela comia voraz e excitadamente, e invejei cada bocado que passou por seus lábios. Escutei seus dentes triturando a torrada, ouvi um “glup” quando ela engoliu o café e pensei ter detectado um encantador gorgolejo em algum ponto de seus adoráveis intestinos, uma límpida lamúria, uma nota de pura música.

Ela não chegou à conclusão alguma a respeito da visão que eu tive, e eu sabia que ela estava tentando extrair elementos que não existiam. Ela também se exibiu um pouco, com palavras como libido e id. Quando as pontas dos meus dedos chamaram sua atenção, ela ergueu minha mão para estudar as unhas grossas reduzidas a tocos.

– Há quanto tempo você as rói?

– Toda a minha vida.

– Não se preocupe com isso. A nova teoria sobre roer unhas é de que se trata apenas de uma inofensiva descarga de tensão. Concordo com Voellerts. Provavelmente é bom para você.

– Legal, legal. Fiquei me preocupando com isso durante anos. Me sinto muito melhor agora.

Aquilo a agradou.

– Agora então vamos à raiz do seu problema. Seu pai. Como é o seu relacionamento com ele?

– Bom. Vamos levando.

– Estou detectando alguma hostilidade nisto?

– Temos nossas discordâncias.

Ela sorriu, confiante.

– Imaginei que sim. Você realmente o odeia, não?

– Tenho pena dele.

– Pena?

– Ele está sem trabalho e tem uma família grande para sustentar. Por que eu não teria pena dele?

Ela acendeu um cigarro e disparou: – Pena, você sabe, é uma forma de superioridade. Acho que você gosta de vê-lo sofrer.

– Não acho que seja assim.

Ela prosseguiu acaloradamente.

– Você odeia seu pai porque se ressentida da atenção dele para com a sua mãe.

– O problema é: ele não dá absolutamente nenhuma atenção a ela.

– Problema? – ela sobressaltou-se com aquilo. – Você diz “o problema”. Por quê?

– Minha mãe é uma mulher simples. Acho que ele está cansado dela.

– Agora entendi tudo – ela disse, triunfante. – Não era a Virgem. Era a sua mãe.

– Não poderia ser. Minha mãe tem cabelo escuro, e a Virgem era bem mais jovem.

– Você não vê? A Virgem era a mulher que você *quer* que a sua mãe seja!

Os olhos dela estavam grandes e luminosos. Eu podia me ver refletido nas pupilas, convexo, meu rosto, meus olhos, a tigela de frutas.

– Estou tão feliz – ela suspirou. – Estou ajudando você. Honestamente, sinto que estou dando uma contribuição. – Ela colocou sua mão sobre a minha. – Como é o seu irmão? Como você se sente em relação a dele? Vocês brigam?

– Muito.

– Por quê?

– Por tudo.

Ela levantou-se por causa da excitação e começou a andar: – Isto é interessante. Muito interessante! – Ela andou com a cabeleira dourada ondulando, deu um giro para me encarar, os braços abertos, o peito estourando: – Já sei! Rivalidade entre irmãos!

Ela pulou em mim e colocou as duas mãos em meus ombros, seus lábios úmidos transbordantes de excitação.

– Você tem ciúme do seu irmão porque sua mãe ama ele mais do que ama você! É verdade, não é?

– Não.

Ela gemeu.

– Você não está cooperando. Você tem que ser honesto, ou será perda de tempo.

– Estou tentando.

Ela me sacudiu.

– Pense bem, Dominic. Volte aos primeiros anos da sua infância. Bem, bem para trás, para suas primeiras lembranças. Que espécie de preparo você teve para usar o banheiro?

– Você está na trilha errada agora.

– Estou? – ela estava cheia de convicção. – Repense. Foi um problema?

Eu só conseguia pensar no agora, naquele momento com ela, não nos tempos de penico e de fazer xixi na cama, séculos atrás.

– Não lembro – eu disse.

– Isso não me surpreende. Um caso de amnésia adolescente: a compulsão inconsciente de esquecer fatos desagradáveis. Todos nós temos isso. Mais café?

Ela foi até o fogão, sinuosa como uma cobra dourada; eu cravei os olhos

nela como um esfomeado e senti um demônio insurgindo-se em mim, uma onda de urgência súbita, quem não arrisca não petisca, agora ou nunca, tudo ou nada.

– Eu te amo – falei.

Ela baixou o bule de café e virou-se pensativa, achando e não achando engraçado, sem acreditar bem.

– Não seja bobo – ela disse, sorrindo.

– Eu te amo.

Agora ou nunca. Me pus de pé e me vi puxado na direção dela, caindo de joelhos à sua frente, meus braços em volta de seus quadris, meu rosto nas profundezas de seu vestido, e o demônio tendo-me totalmente sob o seu poder.

– Eu te amo, eu te amo!

– Pare com isso!

Ela se contorcia e lutava para se libertar.

– Me solte, seu idiota!

Mas o demônio me dava forças, e eu beijei a sua barriga e as suas coxas enquanto ela lutava para escapar. Então os pés dela escorregaram nos ladrilhos brilhantes, ela caiu em cima de mim, e eu enchia-a de beijos, inspirado, lembrando a litania da Virgem Maria enquanto rolávamos pelo chão, e beijava agora o seu pescoço, depois o seu joelho, a sua perna, o seu cotovelo, qualquer coisa ao alcance dos meus lábios, e eu gritava: – Rosa mística! Morada da sabedoria! Motivo de alegria! Receptáculo da honra! Torre de Davi! Torre de marfim! Refúgio dos pecadores! Arca da aliança! Portão do paraíso! Estrela da manhã! Conforto dos aflitos! Auxílio dos cristãos! Cordeiro de Deus!

Contorcendo-se e me empurrando, ela me arrastou de um lado para o outro pelo piso lustroso, sem os seus sapatos, batendo selvagememente em mim com as duas mãos, e pôs-se então de pé, arrancando meus cabelos, e finalmente se libertou. Por alguns momentos arquejamos em silêncio, recuperando o fôlego, ela encostada no refrigerador, eu deitado de costas no chão.

Finalmente ela falou.

– Faria a gentileza de ir para casa agora?

E enfiou a blusa para dentro, ajeitou a saia e calçou os sapatos. Me levantei, comecei a meter a fralda da camisa para dentro da calça, e ela caiu ali no meu pé – a calcinha dourada com lantejoulas pretas. Eu estava além da vergonha. Apenas segurei-a, esgotado, a respiração ofegante.

– Minha calcinha nova! – ela disse.

– Posso ficar com ela?

– Não!

– Por favor.

– Claro que não! – e arrancou-a de mim. – Que garoto terrível que você é!

– Eu te amo – falei, meus braços estendidos.

– Não se atreva!

Olhei fixamente para o seu pescoço longo, o seu cabelo amarelo, o milagre de como ela se mantinha sobre os pés, e comecei a chorar, porque Dorothy nunca seria minha, ninguém vindo de Torricella Peligna jamais possuiria uma garota como Dorothy Parrish, nem em mil anos, não enquanto houvesse outro homem sobre a terra.

– É sério – soluzei. – Não posso evitar. Eu te amo.

– Por favor – ela disse calmamente.

Ela foi até a porta dos fundos e a abriu, peguei meu casaco de lã, passei por ela e saí pela entrada de serviço.

– Boa noite – ela falou.

– Você vai lamentar – falei para ela enquanto vestia o casaco de lã. – Vai ouvir falar de mim algum dia, e vai lamentar.

Ela fechou a porta, e a fechadura deu um estalido. Caminhei pela entrada dos carros até a rua.

CAPÍTULO QUATRO

Na segunda quadra da College Avenue topei com Kenny a caminho de casa depois do cinema. Ele disse: – Oi, apaixonado.

– Engraçadinho.

– Você perdeu um grande espetáculo. Ambos os filmes. Ginger Rogers, que corpo.

– Tenho que contar uma coisa sobre sua irmã e eu.

– Não me diga que você faturou – ele estava fazendo troça.

– Eu a beijei, só isso.

– Foi tão ruim? Você parece um foragido da justiça.

– Eu gostei. Ela não.

– Ela é velha demais para você. Não é o seu tipo.

– E qual é o meu tipo, senhor Anthony?

– Ela vai surgir quando você for famoso, alguma garota no meio do caminho. Talvez uma estrela de cinema como Ginger Rogers. Isso não importa agora. Você tem que pensar no braço, Dom. Nada interessa a não ser o braço.

– O Braço não está preocupado. – Eu o estendi. – O Braço sabe o que é importante.

– Ele sabe que mulheres e arremessos não combinam?

– Ele não está tão certo disso.

– Ele anseia por uma certa paragem tropical ao largo da costa da Califórnia, propriedade de um magnata da goma de mascar?

– O Braço está sabendo desse lugar.

– Pergunte a ele: quando partimos?

– Muito em breve.

– O tempo está se esgotando. Vamos nos mexer.

Ele parou embaixo do poste de luz, bochechas rosadas, quente como um castor dentro do seu casaco novo, os pés em pesadas galochas, confiante, livre para ir a qualquer lugar.

– Você conta muita vantagem – falei. – Por acaso você é o filho de Joe Parrish, um dos homens mais ricos dessa cidade?

– Oh, que saco! Lá vem você de novo. – Ele chutou a neve. – Míseras cinquenta pratas. Você pode conseguir, se tentar.

– Como?

– Seu velho.

– Ele não tem.

– Ele não pode pedir emprestado?

– Ele não pediria.

– Como você sabe?

– Sabendo.

Ele sorriu levemente: – Sabe o que eu acho, gringo? Acho que você é um medroso.

Pensei em bater nele, mas de repente o sorriso dele era o da sua irmã, e seus olhos plácidos também. Cuspi bem no seu rosto. Ele não se mexeu, o cuspe escorreu pelo nariz, enquanto ele o tirava calmamente com as costas da luva.

– Está se sentindo melhor agora? – perguntou.

Fui embora, os punhos enfiados dentro do casaco de lã, mas diminuí a marcha depois de vinte passos. Eu gostava dele. Era o único amigo que eu tinha. Ele respeitava O Braço. Às vezes me alfinetava, mas eu fazia o mesmo com ele, e tínhamos um sonho em comum. Eu não podia jogar tudo fora. Ele estava se arrastando ladeira acima, curvado para a frente, contra a inclinação.

– Ken!

Ele se virou.

– Desculpe.

– Tudo bem, cara.

– Você está chateado?

– Não.

– Te vejo no Elks amanhã.

– Fale com seu velho, Dom. Tentar não tira pedaço.

– Certo.

Era o dia de pagamento na fábrica de cerâmica, então o Onyx Bar estava fervilhando, com clientes em fila dupla ao longo do bar e quatro ou cinco em cada reservado. O chão estava brilhoso e úmido de neve pisoteada e cerveja derramada, a *juke box* tocava música *country* ensurdecadora, todo mundo gritando para se fazer ouvir. Riley, o *bartender*, me viu entrar e berrou: – Ele não está aqui, Don – que não era o meu nome.

Abri caminho me contorcendo entre o bar e os reservados até a sala de sinuca na parte de trás. Estava tudo quieto por lá, nenhum jogador nas mesas de sinuca, mas um monte de homens em duas mesas de pôquer ao fundo. Meu pai não estava lá. Fui até a estante de tacos. Às vezes o velho saía da cidade para jogar sinuca, levando junto o seu taco. Mas o taco dele estava ali, trancado na estante, com o seu nome gravado no punho.

Deixei o salão e comecei a voltar em meio à multidão do bar, quando uma mão de mulher projetou-se de um dos reservados e puxou minha manga. Era uma mão roliça, escurecida pelo cigarro, com dois anéis de ouro nos dedos. Era Rita Calabrese. Ela estava sozinha no reservado, tomando um vinho suave. Dava para sentir o cheiro adocicado quando ela falava.

– Você é o garoto de Mary Molise.

Ela conhecera minha mãe quando ambas eram garotas em Denver. O

marido dela, Ralph, era dono da Studebaker Rockne Motors, e ela tinha um filho, Robert, que uma vez lutara com Lewis Estrangulador em Greeley. Minha mãe dizia que ela não prestava.

Perguntei se ela tinha visto meu pai.

– Sente-se – falou. – Adoro a sua mãe. Ela é um anjo.

No momento em que me sentei, Riley gritou: – Vá andando, Don – e apontou seu polegar na direção da porta. Comecei minha retirada, e Rita pegou minha manga de novo.

– Você conhece Edna Pruitt? – ela perguntou.

– Claro. E daí?

– O que *você* acha?

– Meu pai está com ela?

– Eu não disse isso – falou com um risinho falso. – Tudo que eu disse foi: acho que sua mãe é um anjo.

Era preciso ser um forasteiro para não conhecer Edna Pruitt. Anos atrás ela fora acusada de fazer abortos, e houve um famoso julgamento no qual ela foi inocentada. Mas sua reputação sinistra permaneceu, e cada nova geração de garotos de Roper afirmava ter encontrado embriões natimortos na lata de lixo dos fundos da casa de Edna Pruitt. Muitas vezes eu também havia parado, escondido e com medo, para levantar a tampa da lata do lixo dela e espiar para dentro, enojado, na expectativa de ver algo medonho. Sempre me desapontei.

O bangalô branco dela ficava na Pine Street, em frente à nova agência dos correios. Na porta envidraçada da varanda estava o aviso: Edna Mae Pruitt, DSC, PHM

Massagista quiroprática Manipulação personalizada Cura espiritual Dia ou noite.

Fone 37 W

A frente da casa estava escura, mas uma luz brilhava por trás da luminária verde de uma das janelas laterais. Parei na rua e me perguntei: que diabos estou fazendo aqui? Se eu queria a ajuda do meu pai e ele estava ali dentro, o último lugar onde eu devia estar era perto dessa casa. No frio cortante, o céu soltou um suspiro silencioso e começou a nevar.

Olhei para a janela iluminada novamente. Ele estava lá dentro? O que ele estava fazendo? Não era da minha conta, mas eu tinha que saber. Talvez estivessem fazendo uma orgia, cometendo adultério. O que eu faria? Iria pará-los? E ser levado morto, estropiado e quebrado para o necrotério? Garoto de Roper vítima de assassinato. Pai esfaqueia o filho... Polícia encontra arma do crime na neve... Pai enlouquecido é preso... Culpa o gênio descontrolado ... Era um bom garoto, afirmam os pais... Atleta destacado... Com o coração partido, pai tenta se enforcar na cela... Padre louva jovem assassinado... Destinado às grandes ligas, diz padre Murray... Colegas de time carregam o caixão... Júri declara Molise culpado... Marcada a data da execução... Governador nega

pedido de clemência... Pedreiro é executado.

Atravessei o pequeno gramado até a janela e espiei por uma fresta de luz sob a luminária. Não era orgia alguma, e não era uma festa. Não parecia sequer um encontro amoroso. Apenas duas pessoas, papai e Edna Pruitt, sentados em sossego na sala de estar sob um grande retrato do presidente Hoover. Edna estava em uma cadeira de balanço tricotando uma meia, e meu pai estava numa mesa jogando paciência. Ele não tinha sequer tirado o casaco, mas havia algo de tranqüilo nele, uma estranha serenidade que eu nunca vira antes.

Edna era dez anos mais velha, uma mulher pesadona em uniforme branco de enfermeira, até as meias brancas e sapatos eram brancos. Eles não falavam nem se olhavam, estavam imóveis, exceto pelas mãos, meu pai virando cartas lentamente, os dedos de Edna movendo as agulhas de tricô. Se ele não fosse meu pai, eu teria jurado que estavam casados há vinte anos, duas pessoas compartilhando o silêncio e a companhia numa noite de inverno.

Então meu pai bocejou e esticou os braços. Edna também bocejou, sorriu e foi até o guarda-roupa, o peso de seu corpo maciço fazendo o assoalho ranger. Tirou o sobretudo do meu pai e o segurou aberto enquanto ele enfiava os braços. Então o incidente mais dramático da noite teve lugar: Edna o beijou. Beijou-o no queixo, casualmente, e ele se dirigiu para a porta.

Enquanto ele saía para a varanda, me arremessei pela travessa, mantendo-me um pouquinho à frente dele, e nos encontramos na Twelfth Street. Sem fôlego, acertei o passo com ele.

– Onde você andava a esta hora?

– Com Kenny. Quero falar com você, papai. É muito importante.

– Achei que estivesse combinado. Você vai terminar a escola, então virá trabalhar comigo.

– Isso não vai funcionar.

– Chega de falar nisso.

Seguimos juntos a cada passada, a neve se amontoando em nossos casacos. Decidi por uma abordagem diferente.

– Você sabe quem é Joe DiMaggio, papai? E Tony Lazzeri, e Frank Crosetti?

– Jogadores de beisebol – ele resmungou.

– Você já ouviu falar de Babe Pinelli, ou Lou Fonseca, ou Ron Pelligrini?

– Mais jogadores de beisebol.

– Ou Vic Monte, ou Sam La Torra, ou Boots Zarlingo?

– Jogadores de beisebol.

– Pessoas, papai! Seres humanos como eu e você. Filhos de alfaiates, açougueiros e pescadores. Barbeiros e mineiros de carvão. Ítalo-americanos de terras como a sua, de todo aquele país, nesta terra das oportunidades. Sabe o que dizem sobre a oportunidade, papai?

– Você sabe tudo. Diga-me.

– Ela só bate uma vez.

Ele parou, e fez o mesmo. Ele olhou para mim exasperado, a mão deslizando de dentro do bolso do casaco. Ele a fechou num punho e o trouxe para perto do meu nariz.

– Vê isto? Também bate. Só uma vez.

Mas eu tinha que ficar firme.

– Estou deixando a cidade, papai.

Ele se virou e seguiu andando mais rápido. Andamos uma quadra antes dele falar: – Para onde está indo?

– Califórnia.

Ele parou mais uma vez, o chapéu e os ombros cobertos de neve.

– E vai ficar rico jogando beisebol.

– Vou tentar o Chicago Cubs.

– O Chicago Cubs sabe disso?

– Eles vão saber quando me virem.

Dor e tristeza suavizaram seu rosto. Ele pôs a mão em meu ombro, hesitando em falar o que tinha em mente. Mas eu sabia.

– Diga. Você não me considera muito bom.

– Você é bom o bastante, garoto – ele disse gentilmente. – Mas você não é *duro* o bastante. Você sabe do que estou falando? Aqueles homens são como ferro. São rijos, duros. Vão reduzir você a pó. Vão matar você. Vão partir seu coração.

Estávamos naquela rua deserta no meio da noite, com uma neve tão espessa que mal podíamos ver um ao outro, e ele estava me dizendo que eu era fraco, meu próprio pai, e me deprimi ao perceber que ele estava me julgando com base em si mesmo. Ele era um grande pedreiro e um fracassado; eu era um grande jogador de beisebol e fracassaria também. Tal pai, tal filho. Com uma diferença: ele era de Torricella Peligna, um estrangeiro, e eu não.

– Você não me entende mesmo – eu disse, e aquilo encerrou o assunto, e fiquei aliviado. Como eu conseguiria cinquenta dólares desse pobre e roto estrangeiro vindo de tão longe, todo atrapalhado em um novo país grande e complicado? Pedra, cabras, pão, vinho: ele entendia dessas coisas. Não de beisebol.

Caminhamos pesadamente, cruzando a ponte que atravessava o Arroio Roper, onde ele fez uma parada, satisfeito por encontrar uma guimba de charuto que caíra num buraco do forro do bolso do seu sobretudo. Esperei ele acender e senti a fragrância do charuto no ar pesado.

– Olhe – falou, apontando com o fósforo.

Pela neve alta ao longo da ribanceira do arroio, um castor arrastava um galho de álamo. Ele observou a criaturinha cair n'água e nadar até uma barragem incipiente.

– É isso que eu falo – ele disse. – Com um tempo desses, todo mundo trabalha, menos o pedreiro. Até os esquilos.

– Castor. Não esquivo.

– Esquilos também.

Ele gritou para o castor: – Experimente usar argamassa um dia. Você vai ver!

Paramos na ponte cujos pilares meu pai erguera tijolo por tijolo. Lembrei do verão três anos antes quando o trabalho estava em andamento, e o lugar onde a sua pequena betoneira estivera na ribanceira do arroio, a máquina bufando ao longo do dia quente.

Seguímos lentamente em frente. O primeiro prédio além da ponte era a Confeitaria Hale. Cada tijolo de suas paredes passara pelas mãos de meu pai. Sob nossos pés, embaixo da neve, estava a calçada de concreto que meu pai despejara e alisara com suas colheres de pedreiro.

Quantas coisas ele havia construído quando o sol lhe dera chance! Por toda a cidade podiam-se ver as obras dele – escolas, igrejas, casas, garagens, chaminés, entradas de carro, terraços, lareiras, calçadas de pedra, de concreto, de tijolo, degraus subindo e degraus descendo.

Trabalho, suor, pagamento. Ele amava o seu trabalho, como aquele incansável misturador, o Jaeger, seu parceiro, ofegando e bufando ao longo de todos os dias de bom tempo. Então vinham as chuvas, ou caía neve, e a máquina era levada embora sobre rodinhas para o depósito e coberta com uma lona, desempregada como o seu parceiro. Não era de espantar que ele fosse ver Edna Pruitt. Ele não era uma máquina feita de ferro, hibernando sob uma lona, desativada no inverno. Ele era de carne e sangue.

Pobre papai. Que vida! Mas não Dom Molise. Eu tinha uma saída, um presente de Deus, O Braço. Enquanto estávamos parados na varanda batendo a neve de nossos sapatos, minha mente de súbito encontrou a solução para o meu problema. Eu tinha achado um jeito. Eu sabia o que tinha de ser feito.

CAPÍTULO CINCO

Na manhã seguinte, escapuli da escola e fui correndo até Roper High para contar meu plano a Kenny. Eu tinha que pegá-lo antes de sua primeira aula, então parei no topo da escada da escola, observando o fluxo de estudantes vindos da rua.

A tempestade da noite passada tinha acabado, e estava um dia bonito, o sol bom e quente, as nuvens de tempestade em retirada. A neve derretia-se rápido, formando torrentes de água marrom que rugiam pelas sarjetas. A oeste, além das Rochosas, o céu faiscava com o azul da Virgem Maria, recordando-me de que em algum lugar por lá os Chicago Cubs provavelmente estavam tomando café da manhã naquele exato instante.

Os Cubs! Meus futuros colegas de time: o dirigente Joe McCarthy, Charley Grimm, Hack Wilson, Bill Nicholson, Gabby Hartnett, Stan Hack.

– Gabby, como está indo aquele garoto Molise?

– Jesus, ele é fantástico.

– Garoto convencido.

– Você também seria, se fosse ele.

– Finalmente ele assinou contrato.

– Graças a Deus. Quanto ele pegou?

– Vinte mil, com um bônus de cinco mil.

– Muita gaita para alguém de dezessete anos.

– Para um ganhador de vinte e cinco partidas? Puxa, nós é que o roubamos.

A campanha das nove horas tiniu enquanto um ônibus estacionava e Kenny saía com um bando de garotos. Eles correram escada acima. Kenny teve um sobressalto ao me ver.

– O que é que há?

– Você está pronto para ir? – perguntei.

– Catalina?

– Podemos partir hoje.

– Você conseguiu a grana?

– Vou tê-la em três horas. – Segurei o braço dele. – Vamos pegar um café e conversar.

Ele relutou.

– Tenho aula de inglês.

– Isso é para garotos. Hoje vamos nos tornar homens.

Ele me acompanhou pela rua até a drogaria da esquina e nos aboletamos em dois banquinhos. Enquanto fumávamos e tomávamos café, falei para ele sobre a betoneira do meu pai e como eu planejava pegá-la emprestada. Havia

uma loja de materiais de construção em Longmont, a dezesseis quilômetros, onde eu podia conseguir cinquenta, talvez sessenta dólares pelo misturador.

– Logo que for vendido, pegamos o ônibus das cinco horas, direto para a Califórnia.

Ele não ficou entusiasmado, batucando no tampo de mármore do balcão, revirando o café dentro da boca, engolindo-o pensativamente.

– Onde está o misturador agora?

– No depósito atrás da nossa casa. Vamos precisar de um caminhão para rebocá-lo embora. É aí que você entra.

– Isso não se chama roubo?

– Como pode um homem roubar de seu próprio pai? É como uma propriedade comunitária. O que é dele é meu, e vice-versa.

– Isso poderia ser verdade se você possuísse alguma coisa, o que não é o caso.

– Não agora – concordei, tendo ensaiado todas as respostas. – Mas em alguns meses terei condições de comprar um misturador novinho para ele, uma daquelas supermáquinas.

– O que lhe dá tanta certeza?

– Vou estar ganhando dinheiro para jogar.

Ele cerrou os olhos e sacudiu a cabeça.

– Maluquice – falou. – Maluquice.

O pessimismo dele estava me desanimando.

– Qual é o seu problema? – eu disse. – Quem é o medroso agora?

– Não sou medroso. Nem sou um ladrão.

– Ladrão? Que ladrão? Tudo o que você vai fazer é pegar o caminhão do seu velho emprestado para reborcarmos o misturador até Longmont.

– Isso me faz cúmplice do crime.

– Crime, ladrão, roubo! Para de falar desse jeito! Você acha que meu pai vai deixar o empréstimo de uma betoneira caindo aos pedaços ficar no caminho do meu futuro?

– Conhecendo seu pai, sim.

Ele estava tão calmo, tão sério, tão obstinado que eu queria esganá-lo, mas em vez disso tentei argumentar.

– Olhe, estúpido. Você não vê quão tolo seria *pedir* a permissão de meu pai para vender o misturador? Você *sabe* que ele recusaria.

– É isso que eu digo.

– Certo, estúpido. Mas se eu *não* pedir a ele e vender o misturador de qualquer modo, o que ele pode fazer? Ele vai *ter* que dizer sim, uma vez que o fato está consumado. E um sim é um sim, antes ou depois. Você não entende o que eu estou dizendo? Em outras palavras, não estou *roubando* o misturador, estou simplesmente tirando-o do depósito e colocando-o em uso por um tempo,

pegando-o emprestado por poucas semanas, em vez de deixá-lo ali parado enferrujando, sem fazer nada. Depois que eu assinar com os Cubs, mando umas centenas de dólares para o carinha, ele sai e compra um misturador novinho, e ainda fica com alguma grana extra no bolso. Em outras palavras, pelo uso do misturador, que só está guardado ali no depósito, ele obtém um lucro de quinhentos ou seiscentos por cento. E, enquanto isso acontece, estou jogando beisebol regularmente e mandando um cheque para minha mãe a cada semana. Ela quita nossas dívidas, é verão, e meu pai está conseguindo serviços grandes graças a seu novo misturador, que pode fazer o trabalho de cinco homens, pois é assim que as coisas são quando você tem o equipamento apropriado. Então todo mundo fica feliz. O que há de errado nisso? Você é contra a felicidade, Ken? Você é contra minha família progredir? Por que meu velho deve permanecer pobre, enquanto o seu fica rico? Você tem algo contra nós por sermos italianos? Alguma vez me rebaixei pegando alguma coisa sua emprestada? Estou pedindo que *you* me empreste o dinheiro? Não. Tudo que estou pedindo é o empréstimo do caminhão para que eu possa pegar o misturador do meu pai por algumas semanas. Se isso é pedir demais, esqueça, esqueça a nossa amizade, vamos apertar as mãos e seguir nossos caminhos separados.

Ele ficou lá sentado em silêncio, com o cenho franzido e cheio de dúvidas, esfregando a nuca.

– A título de argumento, suponha, apenas suponha que você não assine com os Cubs. É possível. Qualquer coisa é possível.

Aquilo me chocou.

– Que amigo! – exclamei. – Num dia sou a dádiva de Deus para o beisebol, agora sou um refugio dos Cubs! Todos esses meses me preparando e agora isso vem à tona: a traição, a faca nas costas! – Olhei para ele desgostoso. – É isso aí, companheiro. Isso põe um fim entre nós!

Atirei um níquel em cima do balcão e saí. Ele correu para a rua atrás de mim.

– Está bem – ele disse. – Vou pegar o caminhão sob uma condição.

– Que condição?

– Que você pague seu pai de volta, ou com o dinheiro que ganhar no beisebol, ou qualquer outro emprego.

– Que “outro” emprego?

– Como pedreiro, talvez.

– Sou um jogador de beisebol, Parrish. Um profissional. As pessoas me pagam para arremessar. É desse jeito que eu ganho meu dinheiro.

– Não, você ainda não ganha – ele disse, obstinadamente.

Peguei-o pelo braço, levei-o até o banco da parada de ônibus da esquina e disse a ele para se sentar. Mais uma vez reuni minhas reservas de paciência para explicar certos fatos elementares. Era possível, claro, que eu não assinasse com

os Cubs. Muitas coisas poderiam me desviar – uma perna quebrada, uma doença fatal, um acidente de automóvel. Mas mesmo esses eram apenas reveses temporários além do meu controle. Também havia a possibilidade de a direção dos Cubs não precisar de outro canhoto, o que faria com que eu fosse mandado para um de seus clubes nas ligas inferiores, talvez L.A., na Liga da Costa do Pacífico, ou Atlanta, na Associação do Sul. Mas isso era o mais baixo que eu poderia afundar. Eu sabia disso, O Braço sabia, Kenny sabia.

– Certo?

Ele deu de ombros vagamente.

– Acho que sim.

– Não ache, Ken. Você está brincando com uma vida humana.

– Ok – ele suspirou. – Você está certo.

Então era roubo, então era errado. Será que era tão errado quanto meu pai enganar minha mãe? Será que ele imaginava que eu era algum garoto inútil que não sabia ou não ligava que ele estivesse desonrando seu casamento? Será que ele acreditava que podia seguir impune? Resolvi que o primeiro dólar que ganhasse iria para minha mãe. Eu ia conseguir um advogado para ela. Eu a tiraria de Roper, para uma casinha só dela. Eu até sustentaria meu pai, mandaria uns dólares por semana para que ele não tivesse que trabalhar, mas ele teria que viver sozinho em um hotel.

Na loja de ferragens, Ken disse a seu pai que precisava do caminhão para transportar um equipamento de ginástica para treinar, e o senhor Parrish deu-lhe as chaves da picape. Fomos pela Arapahoe e entramos na nossa travessa, fazendo novos sulcos de pneu na neve imaculada. Chegamos ao depósito atrás da nossa casa, desci num pulo e abri as portas de zinco. O prédio quadrado de ferro corrugado estava atulhado de pranchas, tábuas de argamassa, sacos de cimento e pilhas de tijolos. Ficava a cento e cinquenta metros de casa, com o caminho para a entrada dos fundos enterrado sob sessenta centímetros de neve, um lugar solitário no inverno, mal e mal-conservado, nunca visitado.

Indiquei as direções para Kenny enquanto ele entrava com o caminhão de ré no depósito, a poucos centímetros da betoneira. Ele desligou o motor e olhou em volta nervosamente.

– E se o seu velho aparecer? – sussurrou.

– Ele nunca vem aqui. Ninguém vem.

Para prová-lo, peguei um pedaço de cano e bati-o contra a betoneira, um estrondo ribombante que sacudiu o prédio.

Enlouquecido, ele arquejou: – Meu Deus, não!

Ele correu até a única janela do prédio, com uma cortina de teias de aranha, que dava uma vista tenebrosa do quintal.

– Vamos acabar com essa coisa horrível – ele disse.

Examinamos o misturador. Era uma verdadeira antiguidade, uns quinze anos

talvez, sobre duas largas rodas de ferro, com uma lingueta e um engate. Prendemos a lingueta no para-choque traseiro do caminhão, acorrentando-a firmemente. Então abri a caixa do motor e tirei o certificado de propriedade colado na parte interna da porta. Passando a mão na caneta Parker do suéter de Ken, assinei o nome de meu pai na linha de transferência de posse.

Ken perdeu o fôlego.

– Deus, isso é uma falsificação a sangue-frio!

– Falsificação uma ova. Meu nome não é Molise? Estou apenas trocando meu primeiro nome.

O suor deixou sua testa brilhante, e ele respirava com dificuldade, os olhos relanceando na direção da janelinha.

– Você nem é humano – ele disse. – Você é um animal. Eu deveria chamar os tiras.

– Os fins justificam os meios.

– Bobagem, seu ladrão.

– Vamos – eu disse. – Depressa.

Ele estava relutante, querendo desistir ali mesmo, mas bati as mãos energicamente.

– Tudo pronto! – falei.

Ele subiu no caminhão e ligou o motor. Fiquei ao lado, observando o engate enquanto as rodas viravam e o caminhão saía para a travessa, o misturador fazendo o maior estardalhaço atrás dele. Fechando as portas do depósito, entrei ao lado dele. Maxilares cerrados, ele olhava reto em frente.

Ele estava prestes a arrancar quando um rosto pequeno, soturno e enrugado, envolto em um xale preto, espiou por cima de nosso portão dos fundos. Era a vovó Bettina. Por um breve instante pensei que eu estivesse em Torricella Peligna. Pude ver a cidade atrás dela, as ruas calçadas com pedra, as casas de pedra caindo aos pedaços, a igreja com velhas caquéticas de preto fazendo o percurso escada acima.

– Oh, meu Deus! – disse Kenny.

– Ande!

Ele não podia. Ficou congelado de vergonha, a respiração parou, os olhos saltaram, as juntas de seus dedos gelaram no volante. O portão rangeu quando vovó Bettina o escancarou e avançou pela travessa. Em pânico, Kenny observou-a pelo espelho lateral enquanto ela circulava em volta do misturador, examinando o modo como ele estava preso ao caminhão.

– Que coisa medonha – ele gemeu. – Que coisa medonha, porra! – Ele fechou os olhos e bateu a testa contra o volante metodicamente. Mas a coisa não era medonha. Era grotesca. Era trágica, insana. Comecei a rir. A última, a mais remota possibilidade, e ali estava ela, minha velha avó, sacudindo a cabeça, perfeitamente ciente do que estava se passando.

Através da neve que ia até os seus joelhos, ela foi até a frente do caminhão e olhou para Kenny. Ela não parecia surpresa. Parecia aceitar o que via, resignada, enquanto falava em italiano.

– Então este é o jeito americano – ela disse. – Matar a alma de um homem e depois decepar suas mãos. O que meu filho irá fazer sem a sua máquina? Você espera que ele misture a argamassa com uma enxada?

Ken não conseguia olhar para ela.

– O que é isso? – ele perguntou. – Conte-me o que ela disse.

– Ela disse que isso é um cacareco e está contente porque estamos rebocando-o embora.

– Você é um mentiroso.

Não havia como esconder. A perversidade do ato ficou cravada naquele momento do dia, no ângulo do sol no céu, no brilho cristalino da neve que derretia, no deslizar das nuvens além das montanhas, na sombra projetada pelo depósito, na fria resignação nos olhos da vovó.

– Roube se você tem de fazê-lo – ela disse com a voz num soluço. – Do banqueiro, da companhia de energia elétrica, do cobrador de impostos, mas poupe o triste fruto do meu ventre.

– O que é isso? – Ken perguntou. – O que ela disse?

Eu disse a ele que era difícil de traduzir.

– Uma espécie de ditado italiano.

Ele saltou para o chão.

– Acabou! Para mim chega! Quando você tiver terminado, traga o caminhão de volta para a loja. – Ele foi até a vovó, suas mãos em súplica. – Olhe, vovó. Estou limpo. Não tenho nada que ver com isso, *capiti?* Você entendeu? – Ele tocou o próprio peito. – Eu sem culpa. Eu bom homem. – Apontando para mim: – Ele homem mau. Eu não roubar. Eu, amigo. Ele, vigarista.

Ele disparou travessa afora, os pés repassando os sulcos dos pneus do caminhão na neve. Subi para dentro do caminhão. Podia sentir meu crânio rachando enquanto os velhos olhos o perfuravam. Olhando em frente, ouvi-a falar sobre o começo e o fim das coisas, nascimento e morte, crime e danação, Judas e a perda da honra entre filhos. O rugido do motor abafou suas palavras enquanto eu engatava a marcha e ia embora. Pelo espelho retrovisor, vi sua solitária figura de preto no meio da travessa, suas mãos erguidas para o céu.

A rota mais rápida para Longmont passava pelo parque de exposições e pelo cemitério até a rodovia principal, o que evitava o trânsito da cidade. Todo mundo conhecia o misturador do meu pai, então mantive distância das ruas principais e permaneci nas travessas até chegar ao parque de exposições, o misturador movendo-se com estardalhaço semelhante a um carregamento de latas de conserva.

Ao entrar no cemitério, meus problemas começaram, porque a única via passava pelo túmulo do meu avô, Giovanni Molise. Aquilo me perturbou antes mesmo de eu entrar no cemitério, pensando a respeito e reunindo coragem para o confronto.

Então vi a cruz de granito no pedestal de pedra marcando a sepultura. Era da altura de um homem e bem delgada, coberta de neve, como se vestisse um xale branco. O monumento era o orgulho e a alegria de meu pai. De quando em quando, por dois anos, ele trabalhara nele no nosso depósito, transformando um enorme pedaço de mármore na graciosa cruz, talhando e polindo a pedra até ela ficar suave como pele humana.

A culpa foi do barulho; o estardalhaço e o estrépito do misturador despedaçaram a quietude do cemitério. A ideia de passar pela cruz me encheu de pavor. Parei o caminhão a cento e cinquenta metros e considerei outros caminhos para evitar a passagem. Mas eu estava numa floresta de monumentos, e o único outro caminho era passar sobre os túmulos de uma centena de pobres almas em paz naquele lugar.

Não que eu esperasse qualquer problema da parte de meu avô, porque ele estava morto há sete anos, mas sua memória ainda pairava no ar. Estivesse ele vivo ali, eu poderia tê-lo desafiado tão facilmente quanto fizera com a sua mulher na nossa rua. Mas ele estava morto, terrivelmente morto, e eu temia a sua impotência. Lembrei de como ele era quando estava no mundo, com iscas para peixe em seu amarrotado chapéu de lona, apaixonado por nozes e sementes de girassol, como ele aafiava facas maravilhosamente, o modo como ele andava pelos trilhos de trem de uma cidade para outra com a pesada roda de amolar amarrada nas costas. Lembrei de como ele sempre se sentava de cócoras e riscava o chão com uma vareta, não um homem culto, mas um erudito que sorria o tempo todo, satisfeito por ser simplesmente um ser humano no mundo.

Como eu poderia passar? Quão baixo eu afundara? A isca da fama e da fortuna haviam me transformado num louco. Seria esta a recompensa do vovô por ter vindo lá de Abruzzi, seu neto haveria de desgraçar o seu túmulo com mercadorias roubadas?

Aproximei o caminhão lentamente uns poucos metros para poder ler a inscrição cinzelada no pedestal.

GIOVANNI MOLISE

1853 – 1926

REQ UIESCAT IN PACE

Volte, disse O Braço, dê a volta nessa coisa, seu tolo, antes que eu caia; dê a volta, volte e esqueça Catalina, assente tijolos com seu pai, cave valas, seja um vagabundo, se preciso, mas desista dessa maldade.

Fiz a volta com o caminhão e toquei para casa.

Entrando na nossa travessa, vi meu pai parado ao lado do depósito. Ele não

parecia zangado, simplesmente olhava fixo quando eu estacionei.

– Oi – falei.

Ele olhou fixo por mais um momento, então abriu as portas do depósito. Recoloquei o misturador no depósito, e ele olhou fixo mais um pouco. Olhou fixo enquanto eu desligava o motor e saltava para o chão.

– Vou explicar tudo – eu disse.

Ele olhou fixo enquanto eu ia até o engate e retirava a corrente.

– Eu estava pensando em comprar um novo misturador para você – disse a ele. – Queria descobrir quanto ofereceriam por este cacareco como entrada.

Enquanto ele tirava o sobretudo e o pendurava num prego, continuei: – Visto que seremos parceiros neste verão, pensei que seria uma boa hora para conseguir equipamento novo para nós. Não há sentido em fazer frente à concorrência com maquinário obsoleto.

Debaixo do sobretudo havia um paletó desemparelhado que ele também retirou.

– Então pensei que talvez eu devesse consultá-lo primeiro. Afinal, você é o chefe dessa operação.

Ele se aproximou do caminhão e bateu de leve no para-lama com o nó do dedo.

– Roubou isso também? – perguntou.

Expliquei que Kenny tinha pego o caminhão emprestado do pai.

– O que é isto? – disse ele, estendendo a mão e agarrando o certificado de propriedade cor-de-rosa, saliente no bolso do meu suéter. Ele abriu o documento e o estudou, seus olhos ficando maiores. – Você nem ao menos sabe roubar direito – falou, sacudindo a cabeça. – Falsificou meu nome na linha errada.

Sorri.

– Você está completamente enganado. Estaria eu aqui, se tivesse tentado falsificar seu nome? Roubei alguma coisa? O que eu roubei? O misturador? Está bem aqui, onde sempre esteve. Essas acusações absurdas me ofendem.

Ele ficou me olhando fixo de novo. Com as portas do depósito abertas, pensei em correr para a rua. Ele me perseguiria por uma ou duas quadras, mas jamais me pegaria. De repente, sua mão direita disparou e me esbofeteou no meio da cara, e ele ficou dançando como um lutador, os punhos a postos, uma nuvem de pó de carvão revolvendo-se em volta de seus pés.

– Defenda-se! – ordenou, saltitando na ponta dos pés, fintando, desferindo socos e movendo-se em círculos. Fiquei ali parado, surpreso, sem contra-atacar. Eu nunca poderia lutar com ele, nunca. Recuei, evitando os socos.

– Maldição, lute! – rosnou.

– Para quê?

– Se você pode me roubar, pode lutar comigo. Venha, me acerte!

Um soco repentino pegou-me do lado do nariz. Dor, como vidro se

estilhaçando, rápida e cegante. Gosto de sangue. Cobri meu nariz e senti o sangue quente esvaír-se pelos meus dedos. Ele arfou consternado, batendo no próprio queixo.

– *Mamma mia!*

Ele disparou para a rua, afundou as mãos na neve e voltou depressa com dois punhados, segurando-os contra o meu rosto. Pressionei o nariz no monte de neve e logo o sangramento parou, meu rosto molhado e gelado. Ele tirou um lenço branco de bolinhas, e eu o usei para enxugar o rosto. Ele estava pálido, a mão trêmula enquanto percorria cuidadosamente o arco do meu nariz com um dedo.

– Estou bem – eu disse a ele.

– Por quê? – ele implorou. – Você não é um ladrão; por quê?

Talvez o nariz ensanguentado tenha sido o responsável, mas daquela vez deixamos de ser pai e filho e nos tornamos amigos, e fui capaz de falar a ele sobre minhas esperanças e temores, o tédio da pobreza, a chance de sair de casa e testar minha habilidade no beisebol profissional. Ele acendeu um charuto e caminhou até a porta de costas para mim, e dei vazão aos meus sonhos enquanto nuvens de fumaça enchiam o depósito.

Quando ele se virou para me encarar, não havia raiva ou desapontamento em seu rosto, mas suavidade, um desejo de entender e ser solidário.

– Espere um ano – ele disse calmamente. – Termine o colégio, e então vá.

– Quero ir agora!

– Você não vai escutar. Você quer fazer do seu jeito e nada mais. Isso mostra o quanto você é jovem.

– Quero ajudar você, papai. Mandar dinheiro para casa. Você pode jogar esse sobretudo fora, comprar umas roupas novas.

Ele me estudou, o cenho franzido, sua cabeça dando voltas.

– Como você sabe que é bom o bastante?

– Porque sou um arremessador nato.

Ele esfregou e apertou o rosto, tentando chegar a uma conclusão.

– Não sei. Quero fazer a coisa certa. Vou falar com alguém.

– Quem?

– Não sei. De quanto você precisa?

– Cinquenta.

Ele assoviou e sacudiu a cabeça desoladamente.

– Isto não é nada bom. Estou numa enrascada. Se fizer, estou errado, se não fizer, estou errado.

Não me importava de onde ele conseguisse o dinheiro. Que viesse de Edna Pruitt, pouco se me dava. Ele o teria de volta, eu cuidaria disso. Quando os Cubs me oferecessem um contrato, eu insistiria num bônus para cobrir tais detalhes. Talvez uns mil extras.

Fomos para o centro na picape. Ele gostou do caminhão. Há anos ele desejava ter um. Sempre que havia um serviço novo, ele tinha que alugar o de Chat Hauling para transportar seu material.

– Belo carro – ele disse, estudando a cabine.

– Em poucos meses você terá um igualzinho a este – falei. – Só que será novo em folha, com seu nome na lateral: Construtora Molise.

– Sai dessa, garoto. O que você sabe do mundo?

– Quem precisa do mundo? Dê-me apenas o beisebol.

Ele suspirou, deprimido, o rosto cheio de dor. Estacionei em frente ao Onyx, e ele saiu.

– Não me falhe, papai. Entre todas as pessoas no mundo, é de você que eu dependo.

– Veremos. Vou falar com alguém.

– Obrigado por me dar essa chance.

Ele gritou para mim: – Sai dessa, ouviu? Sai dessa.

Ele bateu a porta do carro e entrou depressa no Onyx. Levei o caminhão de volta para a loja de ferragens e o estacionei nos fundos. O senhor Parrish abriu a porta dos fundos quando eu descia. Fez a volta no caminhão, inspecionando-o cuidadosamente. Seus olhos gélidos pousaram em mim.

– Nunca mais me deixe pegá-lo dirigindo este caminhão, entendeu?

– Eu tinha permissão do Ken.

– Dane-se – ele disse.

Eu não estava mais preocupado com o dinheiro. Meu pai poria as mãos nele de um jeito ou de outro, e em questão de horas Ken e eu seguiríamos nosso rumo. Cruzando a cidade para Roper High, eu tinha a clara e doce sensação de que nunca mais caminharia por aquelas ruas. Nada mais de amargura, nada de memórias dolorosas. Fora uma boa cidade, um belo lugar para iniciar uma carreira. Nada de espetacular como Nova York ou Chicago, apenas uma agradável e sólida cidadezinha que produziu um grande jogador de beisebol.

Encontrei Kenny na drogaria em frente à escola. Era meio-dia, e o lugar fervilhava de garotos que almoçavam. Saímos para o sol. Ele estava sério e hostil até eu contar o que tinha acontecido com o misturador.

– Não o vendi. Trouxe-o de volta.

– Ele está lá agora? – perguntou, o rosto iluminando-se. – A vovó sabe?

– Claro que ela sabe.

– Graças a Deus! – Ele quase começou a dançar quando jogou os braços ao meu redor.

Então contei-lhe a grande novidade: que meu pai aprovara a viagem para a Califórnia e agora estava tentando conseguir o dinheiro. Ele pôs as mãos em meus ombros com um grande sorriso.

– Dom, você fez uma grande coisa trazendo aquele misturador de volta.

Você é um sujeito verdadeiramente íntegro.

– Foi um esforço e tanto – admiti. – Um homem mais fraco teria ido até o fim com aquilo.

– Foi preciso muito peito.

– Bem...

– Estou orgulhoso por você ter poupado nossa amizade. Eu estava pronto para dar o fora em você.

– Dorothy também, aposto.

– Sem dúvida nenhuma. Ela odeia fraqueza.

A velha chama reacendeu-se, faiscou, e eu disse: – Ken, faça-me um favor.

– Diga, Homem de Ferro.

– Conte a ela o que eu fiz. Acho que ela vai gostar de ouvir.

– Prometido.

Para surpresa de todos, papai apareceu para o jantar. Mamãe tinha preparado uma caçarola de rins de cordeiro cozidos em salsa e vinho e, depois de papai servir-se pela terceira vez, ela ficou extasiada e correu para o quarto para colocar um avental limpo e uma fita no cabelo. Ela começou a retirar os pratos nervosamente, embora nem tivéssemos terminado de comer. Augie agarrou-se ao seu prato.

– Oh, você já comeu o suficiente – ela riu e levou o prato embora.

Meu pai recusava-se a olhar para mim. Depois que a mesa estava limpa e os outros haviam saído, sentei na sua frente enquanto ele terminava o vinho. Ainda evitando meus olhos, ele tateou em busca de alguma coisa dentro do bolso da camisa e estirou o punho na minha direção.

– Aqui.

Senti um rolo de notas na palma da minha mão e preendi a respiração. Parecia uma fortuna. Deixei a mesa e saí para a varanda para contar o dinheiro.

Eram notas de dólar sebosas, como que recolhidas uma aqui e outra ali. Contei-as com um crescente senso de calamidade, então contei-as de novo. Eram vinte e cinco. Tinha que haver algum engano. Eu as estava contando pela terceira vez quando meu pai saiu para a varanda.

– Foi o máximo que consegui – ele disse.

Não era o bastante. Apenas o bilhete de ônibus para Los Angeles era vinte e quatro dólares, mas eu não conseguia dizer coisa alguma. Ele tentara, tinha feito o melhor. Olhando para ele, seu rosto cansado, seus olhos úmidos, soube que ele passara por uma provação terrível.

Agradei, mas ele adivinhou meus pensamentos.

– E o garoto Parrish? – ele sugeriu. – Ele tem dinheiro. Talvez lhe empreste até você começar.

– Talvez.

Ele fitou a rua silenciosa, as árvores nuas pingando na noite quente: – Passei

pelo inferno por causa desse dinheiro. Agora use-o. Vá jogar beisebol. E mande dinheiro para casa.

Botei as notas no meu bolso.

– Não se preocupe, papai. Jamais se arrependerá.

Ele se virou e sorriu, sua mão calejada fazendo um círculo em volta do meu braço.

– Faça um muque.

– Braço errado – eu disse. – Tente este. – Virei o braço esquerdo na direção dele. – Aperte bem.

Os dedos dele agarraram.

– Mais forte.

Os dedos dele cravaram-se profundamente, como cintas de aço. Lentamente, contrai O Braço até uma poderosa saliência romper sua garra. Ele quase gargalhou.

– Muito bom.

– Isto é apenas força bruta. Você deveria ver o que acontece com uma bola de beisebol.

– Lembre-se. Mande dinheiro para casa.

Eu sabia que podia contar com Kenny. Ele tinha uma mesada semanal regular e uma conta no banco; além disso, não era como estar completamente falido e pedir a ele para financiar a viagem inteira.

Da rua eu vi a luz na sua janela, então soube que ele estava em casa. A luz acendeu-se na janela de Dorothy também, e esperei que fosse ela que abrisse a porta quando toquei a campainha, e não Kenny.

Mas também não foi Kenny. Foi o senhor Parrish.

– Quero falar com você – disse ele, saindo para a varanda rapidamente e fechando a porta.

Ele parecia um pedaço de gelo. Tentou manter a voz gelada também, mas ela tremia de emoção.

– Quero que você fique longe do meu filho – falou. – E fique longe desta casa. – O punho dele empurrou meu peito. – Está claro? Você não é bem-vindo aqui. – Ele estava tremendo.

– O que houve? – perguntei.

– Agora escute. Kenny não vai nessa viagem estúpida. Essas são as minhas ordens. E ele não vai mais andar com você. Você é uma má influência para o garoto, entende? Por isso, deixe-o em paz. Fique longe dele, volte para a sua parte da cidade, ou chamarei a polícia.

Antes que eu pudesse falar, e eu não tinha nada para dizer, ele correu para dentro, trancou a porta ruidosamente e apagou a luz da varanda. Fui embora aturdido. Eu sabia que o senhor Parrish não gostava muito de mim, mas não que ele me odiava. Teria sido por eu ter dirigido o caminhão? Teria Ken contado a ele

sobre o misturador? Será que ele sabia o que acontecera entre Dorothy e eu? Eu não sabia.

Eu não sabia coisa nenhuma, nem a hora do dia, não sabia quem eu era, ou por que, tudo de roldão, aos trancos colina abaixo na direção de casa, eu não me importava, estava cansado de me importar, e a seu modo o senhor Parrish havia tomado a decisão por mim. A viagem estava cancelada. Sem Kenny, nada de viagem. Eu era estúpido demais para fazê-la sozinho, poderia ir no caminho errado, acabar em Torricella Peligna, lugar ao qual eu pertencia. Meu pai estava certo. Eu devia esperar um ano. Diabos, Roper não era uma cidade tão ruim. Pelo menos eu podia andar por ela sem ficar perdido. Ia devolver o dinheiro para o meu pai e esperar outro ano.

O Braço começou a protestar, crispando-se, chorando como uma criança mimada, chamando-me de covarde, caloteiro. Seu desprezível, seu nojento, você só pensa em si mesmo. Dei-lhe um tapinha consolador. Veja, eu disse, temos bastante tempo, vamos terminar nossos estudos e passar um verão legal aqui mesmo, em Roper. Vamos trabalhar para o velho, arremessar nos domingos e economizar nosso dinheiro. Mas O Braço não ligava para esse tipo de conversa. Ficou flácido e apático e se fingiu de morto. Tive que rir. Que dissimulado!

Ao entrar na nossa rua passando pelo posto de gasolina do Art, vi alguma coisa familiar na garagem aberta que servia de oficina de lubrificação. Cruzei o asfalto para olhar mais de perto. E lá estava a betoneira do meu pai, o motor desmontado, os pedaços espalhados pelo chão, o carburador encharcando-se numa cuba de gasolina.

Senti uma dor repentina no peito, uma sensação de que eu ia gritar. Por cima do meu ombro vi Art Belden, o dono do posto, recostado numa cadeira, ouvindo Bing Crosby cantar *Where the Blue of the Night* no rádio. Fui até lá e abri a porta, e Art disse: – Oi, Dom.

A marmita dele estava aberta sobre a mesa à sua frente. Ele estava vestido com um macacão branco, com quatro canetas no bolso do peito, e eu o odiei. Odiei o esmero dos sanduíches de manteiga de amendoim que ele estava comendo, as cascas delicadamente retiradas pela mulher dele. Odiei-a também. Odiei o aconchegante bangalô cinza em que eles moravam na Spruce Street. Odiei o cachorro *collie* deles. Odiei o sorriso amável dele, e odiei a sua resposta antes mesmo de eu perguntar o que o misturador do meu pai estava fazendo na sua garagem.

– Era do seu pai – ele disse. – Comprei-o esta tarde.

Acreditei nele e falei: – Não acredito em você.

Ele mordeu o sanduíche, desligou o Bing Crosby e me alcançou a nota da venda assinada por meu pai. Pelos vinte e cinco dólares sebosos no meu bolso.

– Vou recomprá-lo.

– Não está a venda.

– Eu lhe dou trinta.

Ele sacudiu a cabeça e despejou leite de sua garrafa térmica numa xícara.

– Faça por quarenta.

– Veja bem. Não quero vender.

Tirei o maço de notas e joguei-o em cima da mesa.

– Cinquenta pratas. Vinte e cinco agora e vinte e cinco nesse verão.

Chegou um carro, e ele saiu para atendê-lo. Peguei o rolo de dinheiro e caminhei de volta até o misturador. Estava surrado e rebentado, como as mãos do meu pai, uma parte da vida dele, tão estranhamente antiga, como que vinda de um país distante, de Torricella Peligna. Coloquei os braços em volta dele, beijei-o com minha boca e chorei por meu pai e por todos os pais, e filhos também, por estarem vivos naquela época, por mim mesmo, porque agora eu tinha que ir para a Califórnia, eu tinha que me dar bem.

SOBRE O AUTOR

JOHN FANTE nasceu no Colorado, EUA, em 1909. Frequentou a escola paroquial em Boulder e a Regis High School, um internato jesuíta. Também cursou a Universidade do Colorado e o Long Beach City College.

Começou a escrever em 1929 e publicou seu primeiro conto em *The American Mercury* em 1932. Escreveu várias outras histórias para os periódicos *The Atlantic Monthly*, *The American Mercury*, *The Saturday Evening Post*, *Collier's*, *Esquire* e *Harper's Bazaar*. Seu primeiro romance, *Wait Until Spring, Bandini*, foi publicado em 1938. No ano seguinte, foi lançado *Ask the Dust*, romance editado no Brasil apenas em 1984 sob o título de *Pergunte ao pó*. Em 1940, uma coletânea de seus contos, *Dago Red*, foi lançada no mercado norte-americano.

Enquanto isso, Fante se ocupava intensamente com roteiros para Hollywood. Alguns de seus créditos incluem *Full of Life*, *Jeanne Eagels*, *My Man and I*, *The Reluctant Saint*, *Something for a Lonely Man*, *My Six Loves* e *Walk on the Wild Side*.

O escritor e roteirista tornou-se diabético em 1955, e as complicações da doença ocasionaram sua cegueira em 1978. Mas ele continuou a escrever, ditando para sua mulher, Joyce, e o resultado foi *Dreams of Bunker Hill*. O romance chegou ao público brasileiro como *Sonhos de Bunker Hill*, em 1983. John Fante morreu aos 74 anos, em 8 de maio desse mesmo ano.

Em 1985, foram publicados nos Estados Unidos histórias selecionadas do autor, na compilação *The Wine of Youth*, e dois romances anteriores, que permaneciam inéditos, *The Road to Los Angeles* e *1933 Was a Bad Year*. Também este último foi editado no Brasil na década de 80 como *1933 foi um ano ruim*, dentro da onda de interesse contracultural que coloriu o início da abertura política brasileira.

Outras obras de Fante, inéditas no Brasil, são: *West of Rome* (1986), *Full of Life* (1988), *The Brotherhood of the Grape* (1988), *John Fante & H. L. Mencken: A Personal Correspondence 1930-1932* (1989) e *Selected Letters 1932-1981* (1991).

[1]. *Slider*: arremesso de beisebol; bola veloz e com efeito, que faz uma curva leve e brusca na frente do batedor, para o lado oposto de onde foi lançada. (N.T.)

[2]. *Knuckle-ball*: arremesso de beisebol; bola lenta e com efeito, que avança erraticamente na direção do batedor. Para fazer esse arremesso, o lançador em geral segura a bola entre o polegar e as primeiras articulações dos dois ou três dedos seguintes. (N.T.)

[3]. *Fly ball*: no beisebol, bola rebatida alta. (N.T.)

[4]. *Popup*: no beisebol, bola rebatida alta e lenta do centro do campo ou bem junto dele, que pode ser pega facilmente antes de atingir o solo. (N.T.)

[5]. *Prep*: abreviação de Preparatory Schooll, ou seja, escola secundária. (N. do E.)

[6]. *Kappa*: diz-se de alguém que recebeu uma distinção especial em um colégio ou uma universidade norte-americana, tornando-se membro da sociedade Phi Beta Kappa (em grego, “filosofia, o guia da vida”), fundada em 1776. (N.T.)

[7]. *Homer*: jogada de beisebol, também chamada de *home run*, quando o batedor consegue completar o circuito das bases. (N.T.)

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *1933 was a Bad Year*

Capa: Ivan Pinheiro Machado sobre foto de Elliott Erwytt (Magnum Photos).

Revisão: Jó Saldanha e Renato Deitos

Tradução: Lúcia Brito

F216s

Fante, John, 1909-1983.

1933 foi um ano ruim / John Fante; tradução de Lúcia Brito. -- Porto Alegre: L&PM, 2011.

(Coleção L&PM POCKET; v. 334)

ISBN 978.85.254.2404-4

1.Ficção norte-americana-Romances. I.Título. II.Série.

CDD 813

CDU 820(73)-3

Catálogo elaborado por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© John Fante, 1985

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Sumário

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Sobre o Autor](#)